



A dessacralização da sociedade ocidental após a Revolução Industrial¹

Rocélia Santos²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho pretende perceber as modificações ocorridas na sociedade nos últimos séculos no tocante ao modo como ela se relaciona com o sagrado e com a religião após o advento da tecnologia; mostrar a transição de uma sociedade rural e religiosa que, rapidamente, se transforma em urbana e secularizada. Neste diálogo tecnologia/religião, queremos refletir como a Igreja Católica tem se posicionado e buscado alternativas reverter a maneira como pessoas se relacionam com Deus e com a instituição, tendo na oratória a maior arma de atração deste público.

Palavras Chaves: Comunicação; Religião; Tecnologia; Oralidade.

Introdução

Com a secularização, o advento da ciência, a sociedade passou a não se pautar mais nos argumentos religiosos como explicação para os fatos e os acontecimentos do mundo, fazendo com que as instituições religiosas, como a Igreja Católica Apostólica Romana, perdessem seu campo de atuação e influência nos mais diversos meios.

Em especial, percebemos que a partir da Revolução Industrial, a sociedade ocidental passou a nutrir novos valores, como individualismo, busca pela realização pessoal e profissional, ascensão social e financeira, busca de liberdade (nas mais diversas esferas), e outras questões. Em contraponto, foram sendo relativizados e, conseqüentemente, ficaram em segundo plano, outros valores tidos como tradicionais, morais e religiosos.

Neste novo contexto formado pela modernidade, a Igreja Católica tenta encontrar espaço para se estabelecer novamente como promotora de valores, referência na solução e direção de diversas questões da modernidade.

¹ Trabalho apresentado no GT Jornalismo, Meio ambiente e Cidades sustentáveis do IX Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Miguel Pereira. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

O Censo 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no mês de julho de 2012, mostra uma constante redução no número de católicos no país, uma queda de 12,2% só na última década (2000-2010). Ainda assim, a religião católica é a predominante no Brasil, com 64,6%, o que corresponde a aproximadamente 123 milhões de pessoas. Em 1872, segundo o IBGE, essa porcentagem chegava a 99,7%.

Outro dado que chama atenção na pesquisa é o crescimento do número de pessoas que se dizem sem religião (ateus e agnósticos), que representa 8% da população, estimada em 190,7 milhões de brasileiros em 2010. Comparando com os dados de 1991, houve um aumento de aproximadamente 70% no percentual de pessoas que afirmam não ter religião.

Frente a esta “crise” de fé, cujo modelo brasileiro reflete um fenômeno observado em diversos outros países, em especial na Europa, a Igreja Católica busca diversas alternativas para retornar ao posto de instituição “referência” na vida das pessoas e da sociedade, na busca pelo anúncio da “verdade” e de suas visões de mundo e organização social.

O presente trabalho pretende discutir algumas transformações ocorridas nos últimos tempos que mudaram o modo com que a sociedade percebe o mundo e, em especial, os motivos que levaram a religião a sair dos centros das discussões sociais, bem como a tentativa da Igreja Católica de retorno a este cenário. Como o objeto é de amplo campo de pesquisa, nos deteremos às mudanças ocorridas após a Revolução Industrial, bem como o papel dos meios de comunicação na secularização e dessacralização da sociedade.

Do sagrado ao profano

Durante muitos séculos, em especial na Idade Média, a religião ocupou um lugar destacado no empreendimento de construção do mundo (Berger, 1985:15). O mundo ocidental era percebido a partir de uma ótica predominantemente mítica e religiosa, com poder para explicar os fenômenos e direcionar o modo de viver das pessoas. As regras sociais, os comportamentos, as leis, a própria arquitetura da cidade, em tudo se via a ampla influencia religiosa, principalmente católica.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Segundo Peter Berger (1985), o homem é um produto da sociedade (e vice-versa), não podendo existir sem ela; é dentro da sociedade que o indivíduo se torna pessoa, onde adquire personalidade, constrói seus projetos. O mundo socialmente construído é uma ordenação de experiências, em que “toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum” (Berger, 1985, p. 32), em que o homem é produtor ativo do seu mundo social e de si mesmo.

Ao olharmos a sociedade da Idade Média (cuja característica da coletividade era bem marcante nas mais diversas esferas da vida social) sob a ótica de Berger, teremos uma pista do que levou a sociedade ocidental a ser, por tanto tempo, regida pelo pensamento religioso ou mitológico, já que o indivíduo, como construtor do seu mundo, ao se enxergar como um ser coletivo, cria instrumentos que sejam comum a todos, desde a construção de objetos, criação de idiomas, concepção de instituições, culturas e valores.

Segundo Rodrigues (2006), na Idade Média o mundo “terreno” e o mundo “celeste” ocupavam um mesmo plano de significações, onde a vida era tida como uma passagem que teria sua continuidade na eternidade. O universo era percebido como um todo, em que o natural, o divino e o humano se fundiam, ou seja, não havia separação entre corpo, espírito, intelecto, ambiente. Todos eram partes de um só sistema.

Todo um conjunto de interinfluências e interdependências podia ser constatado entre signos do zodíaco, fases da vida, estações do ano, qualidades sensíveis, estados da matéria, temperaturas, cores, humores, condições humanas. Impossível separar uma ordem das “ideias” de uma ordem dos “fatos” e dizer que a “verdade” correspondesse à captação da segunda pela primeira. Impossível dizer que houvesse um domínio de verdades da razão, diferentes das verdades divinas. Impossível acreditar em verdades dos fatos, diferentes das verdades de Deus. Impossível aceitar qualquer outra verdade, diferente da do senso comum. (Rodrigues, 2003, p. 139).

Porém, a partir do século XVIII, com o advento da industrialização e avanço da ciência, muda-se o modo de se perceber a sociedade. Não cabe mais à tradição ou às mitologias pautarem a vida social. A palavra de ordem passa a ser a razão. Tudo passa ser provado e comprovado, medido e calculado, apreendido, avaliado. O coletivo perde espaço



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

ao individualismo no regimento dos valores e organização da sociedade. O “Eu” passa a ser mais forte e determinante que “o(s) outro(s)”. O indivíduo passa a ser o centro desta nova sociedade.

Em paralelo, razão se torna sinônimo também de tecnologia, de moderno, de progresso. Tudo que possa relembrar ou remeter à valores que não tenham a “cara” da nova sociedade capitalista ocidental emergente passa a ser objeto de suspeita, descrédito, a ser retrógrado ou ultrapassado.

Podemos citar outros fatores, como a Reforma Protestante e o Iluminismo, que criam este ambiente que gera a progressiva “morte” do sagrado na vida cotidiana, dando lugar de destaque ao individualismo, ao consumo, à tecnologia, à produção, à ciência.

Tecnocracia e Tecnopólio

Com o desenvolvimento da Tecnocracia, a palavra de ordem agora é modernização. Para Postman (1994:49), o surgimento da tecnocracia se deu na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1765. Segundo ele, a partir de então, inaugurou-se um período em que não se passou uma década sem a invenção de alguma maquinaria importante que, no conjunto, pusesse fim à “manufatura” medieval.

No conceito de Postman (1994:50), uma tecnocracia é uma sociedade vagamente controlada pelos costumes sociais e pela tradição religiosa, estimulada pelo impulso para inventar. E, junto com a Tecnocracia, desenvolveu-se uma profunda crença em todos os princípios com os quais acontece a invenção: objetividade, eficiência, habilidade, padronização, medição e progresso.

Também se passou a acreditar que “a máquina do progresso tecnológico trabalhava com mais eficiência quando as pessoas eram concebidas não como filhos de Deus ou mesmo cidadãos, mas como consumidores – quer dizer, como mercados” (Postman, 1994:52).

A Tecnocracia reforça a ideia do homem como centro; ele quem tem o poder de decidir e dirigir o mundo, com vista ao progresso, ao avanço tecnológico, à quebra de



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

barreiras intransponíveis, a uma mudança total de valores e comportamentos apoiados na ciência e na tecnologia. Segundo Neil Postman (1994), no início deste processo, ainda se percebe a influência, pouca, mas ainda presente, da religião e da tradição nas tomadas de decisões.

Neste período surgem os grandes avanços no setor de comunicação, como a invenção do telégrafo, da fotografia, do telefone, da prensa rotativa à energia, do cinema, entre outros. As pessoas passam a buscar maior liberdade política e religiosa. O surgimento da tecnologia e a ênfase dada ao individualismo tiveram grande influência na quebra dos laços com a tradição, principalmente religiosa.

Para Postman (1994:54), a tecnocracia não destrói por completo as tradições dos mundos social e simbólico, mas as subordina; ela trouxe a ideia do progresso e por necessidade afrouxou os laços com a tradição – política ou espiritual. A tecnocracia encheu o ar com a promessa de novas liberdades e novas formas de organização social. Podemos perceber que é neste ponto da história que se abre um grande espaço para a tentativa de separação total entre estado, sociedade e religião.

Com o advento do Tecnopólio nos Estados Unidos, se inicia a teologia tecnológica, onde fé e ciência não ocupam o mesmo espaço. Sua ascensão modifica os conceitos sobre religião, arte, família, política, história, verdade, de modo a se adequarem às novas exigências estabelecidas pelo novo regime.

Postman afirma que as origens do Tecnopólio devem ser encontradas no pensamento de Auguste Comte, famoso filósofo francês do século XIX que fundou tanto o positivismo como a sociologia em um reforço para construir uma ciência da sociedade. Os argumentos de Comte a favor da irrealidade de qualquer coisa que não pudesse ser vista nem medida estabeleceram, para Postman, os alicerces da futura concepção dos seres humanos como objetos; onde a vida das pessoas é mudada pela tecnologia passa a ser encarado como algo natural, e que as pessoas devem ser tratadas às vezes como se fossem maquinaria é condição necessária e lamentável do desenvolvimento tecnológico. Em resumo, a vida humana deve encontrar seu sentido na maquinaria e na técnica.



Secularização

Após a Revolução Industrial, tudo precisa ser comprovado cientificamente. Descarta-se o que há de subjetivo, de indutivo ou tradicional. Apenas o que pode ser provado pela técnica tem credibilidade. Surgem os especialistas, que estarão aptos a orientar os cidadãos de acordo com a “verdade” das leis. O sistema se encarregaria de pensar e decidir por todos, pois ele estaria “isento” de qualquer subjetividade e agiria sempre em favor do coletivo.

Citando Michel Foucault, Rodrigues (2003) explica que diversas mutações nas sociedades ocidentais, como a emergência de poderes políticos que passam a se organizar em forma de Estado, a expansão das relações comerciais entre os países, o triunfo das técnicas de produção foram criando o ambiente para que a ciência passasse a ser referência como produtora de “verdades”. A ciência se tornou uma espécie de “religião” dos tempos modernos, da qual se espera dela, e não mais das magias e religiões, as curas e milagres, as resoluções para as mais diversas problemáticas humanas e sociais.

O avanço tecnológico rege a sociedade, com suas novas concepções de futuro, de verdade e até mesmo de seres humanos, que passam a serem vistos mais como “objetos”. Essa mudança de mentalidade do capitalismo americano foi sutilmente ganhando força e espaço na sociedade, que aderiu a esses valores, não vendo neles algo imposto por um determinado grupo (com seus interesses mercadológicos), mas como algo natural da evolução.

Para Rodrigues (2003), a mentalidade predominante na sociedade ocidental atual é de separação entre espírito e matéria. Neste contexto, a voz dos especialistas, determinando o que é verdade, (aquilo que pode ser comprovado) e quem está apto a declará-la, ganha força, sendo priorizada em relação à tradição ou mesmo senso comum. Ele considera essa tomada de postura como procedimentos “científicos”, próprios da atual sociedade que cultua a racionalidade como elemento essencial da vida cotidiana.

São procedimentos “científicos”. Mas também são procedimentos próprios de uma cultura que acredita que “tempo”, “espaço”, “causa”, “consequência”, “estrutura”, “organização”, “sistema”, etc. são meios adequados de pensar o mundo, a sociedade e os indivíduos; de uma cultura que encara a vida como uma série de



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

“problemas” que é preciso “resolver” com teorias e métodos adequados, que se superam progressivamente. Assim, o olhar científico lançado sobre o mundo não deixa de ser o olhar de uma sociedade específica, através da lente da cultura: inapelavelmente etnocêntrico, portanto. (Rodrigues, 2003, p. 143)

Resgate da Igreja

Neste contexto, a Igreja Católica começa a perder força como instituição referência nos valores da sociedade e como fonte de representação diante das mais diversas questões. Não se busca mais a Igreja para interpretar fenômenos naturais e sociais; este papel agora é da ciência. Diante do individualismo, a Igreja, que tem o centro da sua atuação na coletividade, não encontra espaço. As verdades absolutas, muitas delas nascidas nos ambientes religiosos e cristãos, passam a ser relativas a cada pessoa e a cada interesse. É declarada a morte de Deus. Não há espaço para a religião na ciência.

Mais de um século depois do início do Tecnopólio, a Igreja começou a perceber os efeitos que esta nova ideologia começava a realizar na sociedade. A secularização avançada, a diminuição do número de fiéis e o crescimento de outras seitas e religiões que comungam com as mentalidades capitalistas fizeram a Igreja Católica despertar e repensar seu modo de atuação na sociedade.

Mas, como manter o discurso tradicional e, mesmo assim, reconquistar as massas que a cada dia se afastam dos valores e doutrinas pregados pela instituição? A Igreja viu nos meios de comunicação a saída para a questão.

A apropriação dos meios de comunicação pela Igreja Católica, apesar de ser uma prática antiga, ganhou novo viés nos últimos anos. Vendo a migração dos seus adeptos para outras religiões, ou mesmo que caíram no agnosticismo; e a larga utilização dos meios de comunicação por igrejas e seitas evangélicas, que para ganhar novos adeptos, passaram a atacar o catolicismo, com questionamentos sobre temas dogmáticos, como também por seu conservadorismo em não aceitar, nem se adaptar, a questões modernas, como uso de preservativos, divórcio, aborto, homossexualismo, a Igreja Católica sentiu o peso do ataque e resolveu partir para um contra-ataque.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

A partir do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI fez um apelo aos movimentos para que se preocupassem com a evangelização, e vendo o poder da mídia, passassem a utilizar desses meios para este fim. Foi então que a Igreja Católica passou a “correr atrás do prejuízo”, e ao invés de mudar de pensamento, passou a explicar sua doutrina, a argumentar sobre os motivos que a levam a tal conservadorismo.

Mas foi no pontificado de João Paulo II que os meios de comunicação passaram a ser amplamente utilizados e incentivados, como forma de se aproximar dos fiéis, de alcançar aqueles que não são atraídos pela forma tradicional de oratória no interior dos templos e, até mesmo, uma forma de aprofundar e explicar dogmas e valores que dificilmente atingiriam uma grande massa em uma missa ou encontro.

Em Encíclica escrita no ano de 1990, João Paulo II, mostra a preocupação da Igreja Católica em retomar espaços na sociedade e de atualizar o modo de como se dirige aos seus fiéis, além da urgência da utilização dos meios de comunicação para chegar mais perto da população, entendê-la e, assim, difundir sua mensagem.

Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-mídia. Talvez se tenha descuidado um pouco este areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os mass-mídia foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas secundariamente na programação pastoral. O uso dos mass-mídia, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um facto muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta « nova cultura », criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio facto de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas. (João Paulo II, Encíclica Redemptoris Mission, art. 37).

Ao estudar a história da comunicação na Igreja Católica, percebemos que sempre existiu uma grande lacuna entre o que as empresas e os veículos de comunicação utilizam (tanto em termo tecnológico como no conteúdo e linguagem utilizados), e o que a Igreja utiliza para se comunicar com seus fiéis. Para Soares (1988), ao discutir sobre o discurso e



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil, no que se refere à comunicação social, mostra como ao longo dos séculos, a Igreja Católica, em um primeiro momento, sempre se colocou em posição de cautela, e até mesmo de oposição, frente às novas ferramentas de comunicação que surgiram (foi assim com a imprensa, o rádio, a TV, a internet), mas como em um segundo momento passou a apropriar-se delas e a incentivá-las, direcionando seu uso através de documentos e encíclicas.

Oralidade como arma de combate

A ampla utilização dos meios de comunicação pela igreja, a apropriação das tecnologias para a evangelização, no entanto, não retiraram o que sempre foi a grande arma da instituição: a oralidade. Desde os apóstolos que saíam às cidades, subiam nos púlpitos e discursavam em defesa do evangelho de Jesus Cristo, passando por Francisco de Assis que, mil anos depois, mantinha o mesmo modo de chegar às pessoas, através da pregação nas praças das cidades por onde passava e conseguia, com o poder da palavra, atrair milhares às suas exortações e até mesmo formar discípulos à seu estilo de vida radical de vivência da pobreza e em comunidade, mesmo entre os filhos da nobreza italiana, que largavam suas fortunas para viver uma vida simples ao lado de Francisco.

Depois de dois mil anos do início do Cristianismo, e após diversos avanços tecnológicos, a palavra continua a ser a maior ferramenta da Igreja. Para Neil Postman, o idioma é uma tecnologia, o instrumento ideológico mais poderoso que existe, pois tem o poder de nomear as coisas e dirigir nossa consciência na forma de construir o mundo.

Ao contrário da televisão e do computador, o idioma não parece ser um extensão de nossos poderes, mas apenas uma expressão natural de quem e do que somos. Eis o grande segredo da língua: como ela vem de dentro de nós, acreditamos que ela seja uma expressão direta, não editada, sem preconceitos e apolítica de como o mundo é de fato. Uma máquina, por outro lado, está fora de nós, foi criada por nós, podemos modificar e até descartar; é mais fácil ver como uma máquina recria o mundo à sua imagem. Mas em muitos aspectos, uma frase funciona de modo muito parecido com uma máquina, e isso aparece de forma mais óbvia nas frases que chamamos de perguntas. (Postman, 1994, p. 130-131).



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

A palavra, o discurso, o uso da língua com suas potencialidades de persuasão e atração são os grandes instrumentos que há séculos estão sendo utilizados pela Igreja Católica, que agora se apropria dos meios de comunicação para reverberá-los ao maior número de pessoas. A Igreja descobriu o caminho que o tecnopólio utiliza para atrair e persuadir as massas, ou seja, a união entre a palavra e a tecnologia. Como Neil Postman fala, a palavra é um mecanismo capaz de direcionar os nossos pensamentos, que pode gerar novas ideias ou exaltar antigas, trazer à tona ou ocultar fatos.

Walter Ong (1998) explica que os seres humanos comunicam-se de diversas maneiras, e para isso, podem fazer uso de todos os seus sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição). Porém, ele ressalta a importância da linguagem para a comunicação e afirma que a fala é algo inseparável da nossa consciência. Segundo Ong, os discursos na sua forma original oral têm fascinado os seres humanos há séculos e continuam a fascinar até hoje, mesmo após a invenção da escrita.

A Igreja Católica, que desde o início é especialista em oratória, muda de púlpito e agora, estabelece nos púlpitos digitais seu principal lugar de atuação, sem abandonar, no entanto, a forma tradicional de se comunicar e chegar às pessoas, na comunicação pessoa-pessoa. Este ainda é o grande diferencial: estar cara a cara com as pessoas, estabelecer laços e afetos com os fiéis, estar presencialmente na vida delas, acessível a todos e em todos os lugares.

Porém, com o advento das novas tecnologias e das mudanças de comportamento nas pessoas, especialmente, na juventude, a Igreja Católica Apostólica Romana se depara com o desafio, cada vez maior, de se fazer entender em uma sociedade pluralista, gerar “engajamento” e, ainda, ser formadora de opinião para este público.

Recentemente, o papa Bento XVI fez um convite a todos os religiosos e comunicadores cristãos a se apropriarem das redes sociais e dos meios de comunicação no intuito de aproximá-la cada vez mais deste público, que passa a ver o mundo de maneira digital. Daí surge o incentivo da Igreja na criação de blogs e perfis em sites de relacionamento, como twitter, orkut e facebook, e vídeos na plataforma youtube.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Mas atingir o maior número de pessoas, em especial os jovens, uma “classe de idade” tão pluralista e tão diversificada, multifacetada em cada bairro, cidade, estado e país não é fácil para uma instituição tão tradicional e de âmbito mundial. Adequar (e adequar-se) um discurso universal, reproduzido e adaptado para cada realidade local onde se encontra a instituição não é algo simples, ainda mais para um público tão complexo.

A cultura midiática muda e cresce, transformando o mundo em torno de si. A Igreja segue com atenção tal processo e tem consciência da sua relevância, como demonstram os documentos do Magistério em diversos níveis. [...] A cultura e a comunicação constituem um aerópago de importância crucial para os fins de inculturação da fé cristã. (CNBB, 2011).

Conclusão

A mudança de mentalidade de uma sociedade não se dá de uma hora para outra, nem de maneira ingênua e desinteressada. A cada tempo, surgem novos interesses que transformam a cultura de determinada sociedade e, de modo articulado e elaborado, vão inserindo novos valores e conceitos, novos modos de se perceber a realidade, de estabelecer a “verdade” e de reconstruir o mundo.

O homem é um ser inacabado. A sociedade também. Para cada tempo, um novo olhar, uma nova ideologia surge, sempre na tentativa de completar esta obra, encontrar as respostas e transformar o mundo, seja para melhor ou não.

Perceber essa transformação e a raiz delas, que passam despercebidas ao grande público, pode ajudar a desmistificar muitos mitos e encontrar um equilíbrio no modo de encarar os mais diversos conceitos de verdade e de “especialistas”.

A dessacralização da sociedade é um fato real, constante e crescente. O ideal de racionalização, de progresso, de domínio sobre as coisas é algo cada vez mais almejado pelas pessoas. O homem agora é o “deus” e “senhor”, construtor de seu “templo” pessoal, de sua “verdade”, do seu destino. É uma dessacralização do que é conhecido como sagrado pelas religiões, mas também uma sacralização do profano, do “eu”, a divinização do homem que se torna “deus” de si e do seu mundo, estabelecendo o que é para ele sagrado e essencial, não mais em um contexto coletivo, unânime e inflexível, mas agora pessoal, relativo e mutável.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Para a Igreja Católica o grande desafio é, em meio ao tradicionalismo característico da instituição e a sociedade em constante mutação, encontrar o caminho que favoreça a sua sobrevivência, em uma busca constante de renovação que não fira seus princípios seculares. Movimento este que se percebe através da utilização dos meios de comunicação e surgimento de novos movimentos leigos no seio da Igreja Católica que buscam alternativas ao formalismo das congregações religiosas. O que ela deseja, na verdade, pode ser a utopia de trazer o homem, agora deus-criador, de volta ao seu lugar de criatura de Deus.

Referências

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. (Documento da CNBB 94). Brasília, Edições CNBB, 2011

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e Comunicação: Princípios Radicais*. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio; São Paulo: Loyola. 2003.

_____. *Comunicação e Significado: escritos indisciplinados*. Rio de Janeiro: Mauad X: Ed. PUC-Rio, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1988.



A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública¹

Geraldo Márcio Peres Mainenti²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar, em resumo, os conceitos básicos de agendamento presentes no livro “A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública³”, escrito em 2004 pelo pesquisador americano Maxwell McCombs⁴, um dos precursores, na década de 1960, das pesquisas sobre o agendamento, ao lado do professor da Universidade da Califórnia, Donald Shaw. Os estudos dos efeitos do agendamento contestam a teoria dos efeitos limitados dos meios de comunicação de massa e reafirmam o papel da mídia em determinar os assuntos que estarão no centro da atenção pública e da ação. Uma pesquisa realizada em 2012 com 66 graduandos da Faculdade de Comunicação Hélio Alonso procura estabelecer o agendamento entre o que consideram ser os assuntos mais relevantes, para o Rio de Janeiro, e o noticiário em destaque em O Globo, o principal jornal da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da agenda; agenda-setting; opinião pública; mídia; meios de comunicação de massa.

INTRODUÇÃO

“Definir a agenda” é uma expressão que resume o debate que ocorre tanto em populações de bairros quanto em âmbito internacional, sobre o que deve estar no centro da atenção pública e da ação. McCombs ressalta que, ao conjunto de jornais e revistas que se multiplicaram no Século XIX, o Século XX acrescentou filme, rádio, TV, TV a cabo, internet e uma mistura caleidoscópica de tecnologias da comunicação, que continuaram, nesse início de Século XXI, a obscurecer as tradicionais fronteiras que existiam entre as

¹ Trabalho apresentado no GT Jornalismo, Meio Ambiente e Cidades Sustentáveis, do IX Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Leonel Aguiar. Especialista em Docência do Ensino Superior, pela UCam, graduado em Comunicação Social/Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduando em Direito, pela Facha. Email: geraldo.jornalismo@gmail.com.

³ McCOMBS, M. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁴ Catedrático da J. H. Jones Centennial Chair da Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

várias mídias e seus conteúdos. Para desmostrar que a influência social da comunicação de massa já era forte antes mesmo da proliferação das mídias - e, em consequência, o papel controverso dos meios de comunicação, McCombs relembra que Theodore White, em *The Making of the Presidente*, descreveu, em 1872, o poder dos meios de comunicação de massa em definir a agenda do público como “uma autoridade reservada, em outras nações, a tiranos, padres, partidos e mandarins” (WHITE, 1972, apud McCOMBS, 2009, p. 8); que Max Frankel, ex-executivo do New York Times, dos Estados Unidos, disse, sobre seu próprio jornal: “...muito embora as opiniões editoriais ou o ponto de vista dos colunistas e críticos possam ser desprezados, o pacote diário de notícias do jornal não pode, porque enquadra a agenda intelectual e emocional dos americanos sérios” (FRANKEL, 1999, apud McCOMBS, 2009, p. 8); que o The Guardian, um dos mais influentes jornais britânicos, reclamou: “...a imprensa britânica, controlada em mais de 75% por três homens de direita, tem o freio entre os dentes, definindo a agenda do discurso político da nação.” (TOYNBEE, 2003, apud McCOMBS, 2009, p. 7).

Desde os tempos da pertinente observação de Theodore White, cientistas sociais em todo o mundo pesquisam sobre a capacidade dos meios de comunicação de massa de influenciar muitos aspectos de nossas agendas política, social e cultural. E um dos mais proeminentes e bem documentados mapas intelectuais da influência social da comunicação de massa, a Teoria da Agenda, é o objeto do livro de Maxwell Mc Combs.

Influenciando a opinião pública

O humorista americano Will Rogers era mordaz, em sua observação: “Tudo o que sei é somente o que li nos jornais”. Para McCombs, o comentário é um sumário sucinto sobre muito do conhecimento e informação que cada um de nós possui sobre os assuntos públicos, porque a maior parte dos assuntos e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal. Antigamente, o jornal diário era a principal fonte de informação, mas hoje nós temos uma variedade de novas tecnologias de comunicação e o ponto central não mudou: para quase todas as preocupações da agenda



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

pública, os cidadãos tratam de uma realidade estruturada não de forma direta, mas através de outras pessoas: os jornalistas e seus relatos. McCombs aponta para o fato de que os jornais e as notícias da TV fazem muito mais do que sinalizar a existência de temas e eventos importantes: na seleção diária e apresentação de notícias, os editores focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naqueles que são, segundo eles, as mais importantes questões do dia.

Os indícios sobre a relevância relativa de tópicos de nossa agenda diária estão indicados nas escolhas da matéria principal, do tamanho do título, etc. A repetição do tópico, durante dias, é uma forte referência à importância do assunto. Na TV, uma simples citação de um assunto no telejornal noturno, que normalmente tem maior audiência, aponta para a importância da notícia. O público usa essas relevâncias da mídia para organizar suas próprias agendas e decidir quais assuntos são os mais importantes. McCombs afirma que estabelecer a ligação com o público, pondo um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento público - e até da ação - é o estágio inicial na formação da opinião pública.

McCombs recorre a Bernar Cohen, para mostrar que os veículos noticiosos podem não ser bem-sucedidos em dizer às pessoas “o que dizer”, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer a elas sobre “o que pensar” (COHEN, 1963, apud McCOMBS, 2009, p. 19); e também a Walter Lippmann, o pai intelectual da ideia do agendamento, que, em “O mundo exterior e as imagens em nossas mentes”, capítulo de abertura de seu clássico de 1922, *Opinião Pública*, resume: “os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo, além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo. (...) A opinião pública responde não ao ambiente, mas ao pseudoambiente construído pelos veículos noticiosos.” (LIPPMANN, 1922, apud McCOMBS, 2009, p. 19)

As primeiras pesquisas acadêmicas e a semente da Teoria da Agenda

A análise sistemática dos efeitos da comunicação de massa na opinião pública, nos preceitos da investigação científica, são do período da eleição presidencial americana de



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

1940, feita pelo sociólogo Paul Lazarsfeld, da Universidade de Columbia, e pelo pesquisador Elmo Roper. Foram sete séries de entrevistas com eleitores do condado de Eire, Ohio, que resultaram em pouca evidência dos efeitos da comunicação massiva nas atitudes e opiniões. Contudo, McCombs nos relata que essa e outras investigações feitas até 1960, encontraram considerável evidência de que as pessoas adquiriam informação nos meios de comunicação mesmo não mudando suas opiniões.

Em 1960, Joseph Klapper anunciou, em *Os Efeitos da Comunicação de Massa*, que prevalecia a lei das consequências mínimas (KLAPPER, 1960, apud McCOMBS, 2009, p. 21) que tinha por base o conceito de percepção seletiva: os indivíduos minimizam sua exposição à informação não congruente e maximizam a exposição à informação congruente. Mas, em 1967, a primeira página do Los Angeles Times instigou um grupo de jovens professores universitários, entre eles McCombs, de que o fenômeno poderia ser diferente. McCombs relata que havia na primeira página três grandes notícias - uma internacional: trabalhista inverte preferência contra Conservadores na Inglaterra; uma nacional: escândalo político em Washington; e uma outra local: demissão de diretor de programa de combate à pobreza. A notícia local era a manchete e as outras estavam em posição menos relevante. Mas, qualquer delas poderia ser a manchete. E a pergunta que o fato propiciou se transformou na semente da Teoria da Agenda: “O impacto de um evento fica diminuído quando a história recebe um posicionamento menos proeminente?”

A pergunta ficou sem resposta por algum tempo. Quando McCombs reecontrou Shaw meses depois, na Universidade da Carolina do Norte, e eles puderam iniciar, durante a campanha presidencial americana de 1968, uma investigação em Chapel Hill, Carolina do Norte. A hipótese central era a de que os meios de comunicação estabeleciam a agenda de temas para a campanha política, influenciando a relevância dos temas entre os eleitores; e criaram um nome para esta hipotética influência da comunicação massiva: *agenda-setting* (McCOMBS & SHAW, 1972, apud McCOMBS, 2009, p. 22).

Um pequeno questionário foi respondido por eleitores indecisos, selecionados aleatoriamente. Segundo McCombs, foi feita uma sistemática análise de conteúdo de como os veículos noticiosos usados pelos eleitores mostravam os principais temas da campanha.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

O pressuposto era o de que, no meio do público em geral, este grupo, interessado na eleição mas indeciso sobre o voto a dar, estaria mais disponível à influência da mídia. As principais fontes de informação usadas por estes eleitores foram igualmente reunidas e os conteúdos analisados: cinco jornais locais e nacionais, duas redes de televisão e duas revistas noticiosas. Cinco temas dominaram as agendas pública e midiática na campanha: política externa, ordem interna, economia, bem-estar social e direitos civis. Havia quase uma correspondência perfeita entre os *rankings* destes temas entre os eleitores de Chapel Hill e seus *rankings* baseados na apresentação desses temas, pelos veículos noticiosos, nos 25 dias antecedentes.

A partir de Chapel Hill, ocorreram em todo o mundo centenas de investigações empíricas sobre a influência do agendamento, incluindo todos os veículos noticiosos e dezenas de temas públicos. A evidência acumulada para essa influência documenta os elos causais e no tempo, entre as agendas da mídia e do público.

De 1900 a 2000, a relevância dos assuntos internacionais no público britânico estava significativamente relacionado ao número de matérias publicadas sobre temas internacionais em *The Times*. De 1981 a 2000, o mesmo ocorreu com a agenda pública americana, em relação ao número de matérias internacionais publicadas no New York Times (SOROKA, 2001, apud McCOMBS, 2009, p. 31).

Na Alemanha, em 1986, foram feitas 53 pesquisas semanais consecutivas, para a escolha dos principais assuntos públicos. Depois, examinou-se 16 mil matérias veiculadas no ano, nas principais emissoras. O tema fornecimento de energia tinha pouca evidência nas agendas pública e da mídia, mas ao ganhar relevância na mídia, a preocupação do público subiu de 15% para até 30%; e quando deixou de ser abordado na mídia, o mesmo ocorreu com o interesse do público. Mas não houve qualquer efeito de agendamento de outros 12 assuntos (BROSIUS & KEPPLINGER, 1990, apud McCOMBS, 2009, 32). Para McCombs, isso comprova que a cobertura de alguns temas ressoa no público, mas a de outros, não. O público não é um autônomo coletivo que espera, passivamente, ser programado pela mídia.



A medida do agendamento

A Teoria da Agenda prevê correlação positiva alta entre as agendas da mídia e a pública. Uma pesquisa em Louisville, Kentucky, nos Estados Unidos, para medir o agendamento em assuntos públicos regionais, pelo Louisville Times, entre 1974 e 1981, mostrou significantes efeitos de agendamento para os quatro temas mais importantes da agenda noticiosa: educação, crime, meio ambiente local e desenvolvimento econômico local. Como exemplo de agenda reversa, assuntos de interesse da população, como recreação pública, só começaram a aparecer na agenda do jornal mais tarde, ao longo dos oito anos de pesquisa. E a manutenção das estradas, em terceiro lugar na agenda pública, foi totalmente ignorada pelo jornal. Similarmente, a cobertura noticiosa do governo local sempre foi contínua e intensa, mas o governo local não passou do sexto lugar na agenda pública. Assim, McCombs conclui que, apesar da influência em muitos assuntos, veículos noticiosos não são ditadores todo-poderosos da opinião.

Os veículos noticiosos são mais do que simples canal de transmissão dos principais eventos do dia: constroem e apresentam ao público um pseudo ambiente que condiciona como o público vê o mundo. McCombs aponta para o fato de que a mídia muitas vezes “cria” uma crise onde crise não há.

Na Alemanha, em 1973, notícias negativas sobre o abastecimento de petróleo no país superavam as positivas (KEPPLINGER & ROTH, 1979, apud McCOMBS, 2009, p. 47). A motivação era a série de aumento de preços do petróleo pelos árabes e o boicote de venda aos Estados Unidos e Holanda.

Os três maiores jornais alemães publicaram mais de 1.400 matérias sobre disponibilidade de petróleo no país. Na realidade, o país importara mais do que nos meses que antecederam a guerra do Yom Kipur, naquele ano. A saliência na mídia da situação provocou aumento na venda de gasolina (7%), óleo pesado (15%) e óleo leve (31%). A descrição da situação na mídia era de “crise” e resultou em crescimento da demanda, por causa da intensa cobertura da imprensa e não de uma queda crítica de oferta.



Como o agendamento funciona

Quanto à duração dos efeitos do agendamento no tempo, uma antiga teoria via os efeitos da mídia como essencialmente imediatos – daí chamada de hipodérmica (com efeitos rápidos, como as injeções). McCombs relata, no entanto, que investigações comprovaram que os efeitos do agendamento da mídia no público estão longe de ser instantâneos, mas são de curto prazo. A agenda pública típica reflete a agenda midiática de um ou dois meses precedentes, segundo pesquisas com notícias de jornais e TV e uma variedade de assuntos (SALWEN, 1988, apud McCOMBS, 2009, p. 77). No caso de notícias com alto envolvimento pessoal o tempo para a ocorrência de efeitos do agendamento pode ser mais curto (ROBERTS, WANTA & TZONG-HOUNG, 2002, apud McCOMBS, 2009, p. 77). A deterioração dos efeitos do agendamento (ponto no tempo, em que correlações significativas entre as agendas da mídia e pública desaparecem totalmente) varia de oito a 26 semanas, segundo os estudos.

Por que o agendamento ocorre

Necessidade de orientação é um conceito psicológico que descreve as diferenças individuais no desejo de obter pistas e informação de contexto, concluíram os estudos de McCombs. Segundo ele, a necessidade de um indivíduo por orientação é definida por dois conceitos: relevância e incerteza. No primeiro caso, a informação precisa ser entendida como importante; no segundo, como esclarecedora. O indivíduo vai em busca de orientação na medida da relevância da informação e/ou da sua incerteza. Quanto maior for a necessidade de orientação que as pessoas têm no âmbito dos assuntos públicos, maior é a probabilidade delas atentarem para a agenda da mídia. A fonte dominante da influência variará de tema a tema. Para a variação da inflação, não precisamos da mídia, pois as compras rotineiras revelarão quando ocorre. Mas se o assunto são os gastos do governo, precisamos recorrer à mídia para nos informar.

A experiência pessoal, que inclui conversação com a família, amigos, colegas de trabalho, também nos informa sobre os temas. Para alguns, as conversações podem levar a



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

uma procura por mais informações na mídia; para outros, cuja agenda pessoal é formatada por essas conversações, a necessidade de orientação adicional pode ser baixa e eles têm poucos motivos para prestar atenção na agenda da mídia. Nas condições de alta relevância e baixa incerteza, a necessidade de orientação é moderada. As condições de alta relevância e alta incerteza definem uma alta necessidade de orientação, condição teórica sobre a qual o alto grau de correspondência é previsto entre as agendas da mídia e do público.

As pesquisas demonstram que, em termos teóricos, há temas intrusivos - se inserem em nossas vidas diárias e são experimentados diretamente (crimes, custo de vida, etc.); e não intrusivos - nós os encontramos somente nas notícias, não diretamente em nossa vidas diárias - poluição, energia, etc. (ZUCKER, 1978, apud McCOMBS, 2009, p. 77). Depois, notou-se a necessidade de um tratamento mais sutil desse conceito no qual temas intrusivos e não intrusivos são âncoras polares de um continuum (BLOOD, 1981, apud McCOMBS, 2009, p. 103). O exame da afinidade do público com qualquer tema revelará diferenças individuais no grau de sua experiência pessoal. Um exemplo: o tema desemprego, para pessoas desempregadas, é um tema inclusivo, mas para os que gozam de estabilidade no emprego, é um conceito abstrato e não intrusivo.

Na evolução da Teoria da Agenda, o conceito de necessidade de orientação é a mais proeminente das condições contingentes para os efeitos do agendamento, aqueles fatores que estimulam ou constroem a força desses efeitos.

As novas tecnologias

McCombs ressalta que novas tecnologias, especialmente as de comunicação, têm uma habilidade mágica para criar visões fantásticas sobre o futuro que está em vasta transformação. Em suas respectivas épocas históricas, o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e, agora, a internet, têm provocado cenários visionários, geralmente utópicos, sobre mudanças revolucionárias em nossas sociedades.

McCombs aponta que as previsões sobre o fim do agendamento estão baseadas em amplas suposições de que as audiências se fragmentarão e se servirão de diferentes agendas midiáticas. Mas, no momento, a maioria dos sites noticiosos na internet é subsidiária da



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

mídia tradicional, as versões on line dos jornais, revistas, redes de televisão e canais de emissoras de TV noticiosa a cabo. Neste cenário, o popular termo comercial “cinergia” frequentemente significa amortizar os custos e aumentar os lucros das notícias distribuindo o mesmo conteúdo básico através de numerosos canais. Em resumo, um alto grau de redundância nas agendas da mídia ao qual o público é exposto provavelmente continuará pelo menos no futuro próximo.

Uma pesquisa no Brasil

Nos dias 12 e 16 de abril de 2012, o autor realizou pesquisa com 66 alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Hélio Alonso, do Rio de Janeiro, para estabelecer a agenda do grupo e compará-la com a agenda de O Globo, principal jornal da cidade do Rio de Janeiro, onde o grupo reside.

Notícias das páginas nobres do jornal (1ª. e 3ª.) de 8 a 15 de abril de 2012, originaram a elaboração de rankings de agendamento midiático a partir dos enfoques regional (Rio), nacional (Brasil) e internacional (mundo) das notícias. Sete perguntas foram respondidas espontaneamente, pelos entrevistados, em questionários individuais, identificando os rankings de agendamento público:

Qual é o problema mais importante enfrentado pela cidade do Rio de Janeiro, atualmente?

Qual é o segundo problema mais importante enfrentado pela cidade do Rio de Janeiro, atualmente?

Qual é o problema mais importante enfrentado pelo Brasil, atualmente?

Qual é o segundo problema mais importante enfrentado pelo Brasil, atualmente?

Qual é o problema mais importante enfrentado pelo mundo, atualmente?

Qual é o segundo problema mais importante enfrentado pelo mundo, atualmente?

Qual é o assunto mais presente, atualmente, nas conversas em seu círculo de amizade?



O resultado

Problemas na cidade do Rio de Janeiro:

Violência/segurança/tráf. de drogas:	3º. agenda O Globo / 1º. agenda dos entrevistados
Corrupção/fraudes:	2º. agenda O Globo / 6º. agenda dos entrevistados
Transito/transportes:	4º. agenda O Globo / 2º. agenda dos entrevistados
Desorganização da Cidade:	1º. agenda Globo / 4º. agenda dos entrevistados

Problemas no Brasil:

Corrupção/frudes:	1º. agenda O Globo / 2º. agenda dos entrevistados
Economia nacional:	3º. agenda O Globo / fora da agenda entrevistados
Educação:	fora agenda O Globo/ 1º. agenda dos entrevistados.

Problemas no mundo:

Fome/desigualdade:	4º. agenda Globo / 1º. agenda dos entrevistados
Meio ambiente/sustentabilidade:	1º. agenda Globo / 2º. agenda dos entrevistados
Conflito/guerra:	2º. agenda Globo / 4º. agenda dos entrevistados

Obs: a presidenta Dilma Houssef, que estava em viagem ao exterior, constituiu-se no 3º tema internacional na agenda do Globo (principalmente como personagem das charges de Chico caruso), mas não fez parte de nenhuma das agendas dos entrevistados.

No item sobre os assuntos das conversas informais e seus agendamentos público e jornalístico, profissão/mercado/trabalho, que são temas líderes no ranking de conversas informais dos entrevistados, foram, no entanto, pouco citados por eles como problema: nacional (2 vezes) e mundial (4 vezes). Em momento algum foram tema de notícia nas principais páginas do jornal. Trânsito/transporte, temas em 3º. lugar no ranking de conversas informais, foram muito citados como problema da cidade (31 vezes), ocupando o 2º. lugar na agenda pública regional e o 4º. lugar na agenda regional do jornal.



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Na comparação dos rankings pode-se observar uma grande proximidade entre os agendamentos do jornal e dos entrevistados, em questões regionais do dia a dia, ligadas a violência/segurança, trânsito/transportes e a desorganização da cidade de uma maneira geral. São temas, segundo McCombs, intrusivos, que dizem respeito diretamente ao interesse do público.

Observou-se que o tema corrupção/fraudes, primeiro em evidência no agendamento de O Globo, regionalmente e nacionalmente, encontra boa receptividade na agenda dos entrevistados, apenas em amplitude nacional (2º. lugar), não se apresentando relevante regionalmente (6º. Lugar) e internacionalmente (sem figurar). É um tema considerado por McCombs não intrusivo, o que também acontece com o tema economia, presente com relevância na agenda nacional do jornal O Globo, mas não citado pelos entrevistados, entre as suas preocupações mais relevantes. Em âmbito internacional, mais uma vez a agenda do jornal O Globo se aproxima muito da agenda dos entrevistados, estando os temas fome/desigualdade, meio ambiente/sustentabilidade e conflito/guerra, nos primeiros lugares dos dois rankings.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase inicial da Teoria da Agenda, inaugurada pelo estudo de McCombs e Shaw, em Chapel Hill, estava centrada na influência da agenda de assuntos da mídia na agenda pública de assuntos. A segunda fase desenvolveu esta influência da mídia noticiosa, explorando uma variedade de condições contingentes que estimula ou limita os efeitos de agendamento no público. A terceira fase expandiu o escopo da influência do agendamento pela mídia desde os efeitos na atenção – agenda de objetos – aos efeitos na compreensão – agenda de atributos. A quarta fase explorou as origens dessa agenda da mídia. À medida em que o Século XX aproximou-se do fim, as ideias que avançaram nas novas versões desse campo teórico foram as consequências do processo de agendamento, tornando-se a quinta fase da Teoria da Agenda e explicando uma variedade de ideias sobre as consequências que tinham sido, previamente, apenas esboçadas. E, ressalta McCombs, ainda há temas adicionais a serem explorados.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

A Teoria da Agenda evoluiu, do mapa teórico do agendamento de Chapel Hill, há mais de 35 anos, de uma investigação da influência do noticiário sobre os assuntos que os eleitores consideravam importantes para uma teoria multifacetada aplicável a um amplo leque de ambientes internacionais. No começo de um novo século, a contínua evolução desse mapa teórico pode ser descrito em termos de três estágios, segundo McCombs: a explicação das cinco fases da comunicação e do processo da opinião pública; a expansão de novos domínios além de assuntos públicos e da comunicação massiva; e a elaboração de conceitos teóricos básicos.

O primeiro desses estágios, a expansão da Teoria da Agenda em cinco fases do processo comunicacional, historicamente tem sido dominante. Uma rica atividade acadêmica foi mapeada – e continua a mapear – a influência da agenda da mídia noticiosa na agenda pública no que se refere tanto à atenção como à compreensão; o papel da necessidade de orientação e outras condições contingentes na promoção ou limitação desta influência; a influência das agendas externas na agenda dos veículos noticiosos específicos; e as consequências de toda essa atividade de agendamento para atitudes, opiniões e comportamento. Uma apresentação ordenada e sistemática do que se sabe sobre essas facetas foi o objetivo confessado por McCombs ao escrever o livro.

REFERÊNCIAS

- McCOMBS, M. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- WHITE, T. *The Making of the Presidente*, 1972. Nova York: Bantam, 1973, p. 327.
- FRANKEL, M. *The Times of My Life with the Times*. Nova York: Random House, 1999, p. 414-415.
- TOYNBEE, P. “Press ganged”. *The Guardian*, 21/05/03.
- COHEN, B. *The Press and Foreign Policy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1963, p. 63.
- LIPPMANN, W. *Public Opinion*. Nova York: MaMillan, 1922.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

KLAPPER, J. *The effects of Mass Communication*. Nova York: Free Press, 1960

McCOMBS, M & SHAW, D. “*The agenda-setting function of mass media*”. *Public Opinion Quarterly*, 36, 1972, p. 176-187

SOROKA, S.N. *Media, public Opinion, and foreign policy* [Paper apresentado a American Political Science Association. São Francisco, 2001].

BROSIUS, H & KEPPLINGER, H.M. *The Agenda-setting function of television news: static and dynamic views*”. *Communication Research*, 17, 1990, p. 183-211.

KEPPLINGER, H.M. “*Creating crisis: German mass media and oil supply in 1973-1974*”. *Public Opinion Quarterly*, 43, p. 285-296.

SALWEN, M. “*Effects oh accumulation oh coverage on issue salience in agenda-setting*”. *Journalism Quarterly*, 65, 1988, p. 100-106, 130.

ROBERTS, M.; WANTA, W. & TZONG-HOUNG, D. “*Agenda-setting and issue salience online*”. *Communication Research*, 29, 2002, p. 452-465.

ZUCKER, H. *The variable nature oh news media influence*. In: RUBEN, B. *Communication Yearbook*. 2. Ed. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1978, p. 225-240.

BLOOD, W. *Unobstrusive issues in the agenda-setting role oh the press*, [s.l.]: Siracuse University, 1981 [Tese de doutorado não publicada].



“Segundo o IBGE...” mas...de onde “fala” o IBGE?¹

Jorge Tadeu Borges Leal²
Mestrando em Comunicação Social
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

A informação estatística produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, pautam uma interferência no noticiário e na programação dos veículos que compõem o sistema de comunicação de massa no Brasil. Através do relato e da análise do que foi conceituado como “micro-documentários”, elaborados a partir da divulgação dos primeiros resultados do Censo Demográfico de 2010, produzidos pela Rede Globo de Televisão e exibidos no horário dos telejornais, é realizado o esforço de acessar campos de semantização, conotação e conceituação na configuração das mensagens que ultrapassam, em grande medida, a tarefa pontual de divulgação/disseminação dessa informação referencial, ao trabalhar áreas do imaginário coletivo, legitimando visões de mundo e padrões de comportamento, produzindo a percepção e a introjeção de valores.

Palavras-chave

censo; divulgação; documentário/noticiário; ficção/não-ficção.

Documentário e a ideia de micro-documentário

Quando pensamos em documentário, a grande questão que se coloca, geradora de tantas polêmicas, tem um caráter epistemológico e diz respeito ao esclarecimento do que seja, de fato, esse gênero de narrativa, aonde se situa, quais são as suas principais características e como se diferencia das demais construções discursivas.

No livro *Introdução ao Documentário*, Bill Nichols entende que todas as narrativas fílmicas, em última análise, são documentários. Estabelece uma distinção

¹ Trabalho apresentado como conclusão do curso *Leitura de Representações Midiáticas II*, ministrado por Andréa França, no Mestrado em Comunicação da PUC-Rio e apresentado no GT 6 – Jornalismo, Meio ambiente e Cidades sustentáveis do IX Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: José Carlos Rodrigues. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes, graduado em Publicidade pela Faculdade de Comunicação Hélio Alonso, publicitário e pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Email: jortad123@yahoo.com



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

entre documentários de representação social, que seriam os documentários de não-ficção e os documentários de satisfação dos desejos ou documentários ficcionais.

Os documentários ficcionais expressam nossos desejos e sonhos, pesadelos e terrores ao tornarem visíveis e audíveis os frutos da nossa imaginação. Expressam o que desejamos ou tememos que a realidade possa vir a ser. Transmitem verdades, se assim for a nossa vontade, podemos adotar as suas ideias ou, simplesmente, rejeitá-las.

Já os documentários de representação social são o que chamamos de não-ficção. Representam aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Expressam nossa compreensão sobre a realidade. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que sejam exploradas e compreendidas.

Como são histórias, ambos os tipos de filme precisam de uma interpretação. A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. A crença depende de como reagimos a esses significados e valores. Podemos acreditar na verdade das ficções como na das não-ficções. (NICHOLS, 2005: 26 e 27)

Por outro lado, estabelecendo a diferenciação entre reportagem e documentário, Fernão Pessoa Ramos em *Mas afinal, o que é documentário?* admite:

há casos, no entanto, em que reportagens de telejornais, ou de outros programas televisivos, se aproximam mais da forma enunciativa da tradição documentária. Reportagens mais amplas, mais distantes da cobertura cotidiana, compostas de diversos episódios, periodicamente exibidas por telejornais. (RAMOS, 2008: 59)

Diversos livros, entrevistas, artigos e textos em geral têm sido escritos sobre o tema e, no que toca a essa questão definitiva, me parece que se destacam os trabalhos acima referenciados de Bill Nichols e o de Fernando Pessoa Ramos. Com base nestes dois trabalhos pretendo reivindicar o status de “micro-documentário” para uma determinada abordagem supostamente jornalística mas que contém muitas das características típicas do documentário, seja na forma como é produzida, no tempo que é empregado para a sua elaboração, como nos recursos estilísticos que utiliza e que alterna a forma de se apresentar entre não-ficcional e ficcional.

O objeto de análise



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Ao longo de 2010 foi realizado, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em todo o país, o XII Censo Demográfico no Brasil. O Censo 2010 compreendeu um levantamento minucioso de todos os domicílios do país. Nos meses de coleta de dados, 191 mil recenseadores visitaram 67,6 milhões de domicílios nos 5.565 municípios brasileiros para colher informações sobre quem somos, quanto somos, onde estamos e como vivemos.

A divulgação/disseminação das informações produzidas pelo trabalho do IBGE, seguem um calendário previamente definido e a disponibilização das informações para a imprensa em geral obedece a uma política de embargo: um dossiê com todas as informações são distribuídos para o jornalistas com antecedência de, em média, 15 dias, com a contrapartida do sigilo absoluto, sob pena de, se furarem o pacto de sigilo, ficarem sem informações prévias por tempo indeterminado, o que desarticula o órgão de imprensa com relação à atualidade dos fatos jornalísticos e à concorrência.

A política de embargo acontece na mecânica de divulgação/disseminação das diversas pesquisas sociais e econômicas realizadas pelo IBGE em geral e, em particular, com relação aos resultados do Censo Demográfico de 2010, que têm ocupado e continuarão ocupando um grande espaço e tempo na mídia. Trata-se de uma maneira, encontrada pelo IBGE, de proporcionar aos órgãos de imprensa o tempo necessário para construir uma análise, um raciocínio, enfim, uma “narrativa” que, no caso da televisão e, mais especificamente, da TV Globo, invariavelmente é apresentada como uma reportagem diferente do noticiário convencional, adquirindo contornos que se aproximam do documentário, embora não o seja, que considere como um micro-documentário enxertado no tempo dos noticiários. Não podem ser considerados como reportagem convencional porque não obedecem ao critério usual de cobertura do noticiário e nem são fatos que aconteceram no momento e sofreram uma edição na velocidade padrão da notícia tradicional da programação do telejornal e que, portanto, não estão amarrados a um critério de atualidade e novidade, à exigência de apuração de algo inusitado.

Comparando com o noticiário convencional, as matérias sobre os resultados das pesquisas do IBGE passam por maior maturação por parte dos órgãos de imprensa,



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

possibilitada pela política de embargo. Elas são fruto de uma edição mais criteriosa, trabalham com a apresentação de personagens que ilustram os resultados das pesquisas, comunicam valores e acabam por conceituar a informação supostamente referencial, estatística, estabelecendo um processo de significação rico em possibilidades de leituras e semantizações, conotações, que podem projetar o sentido para campos bem diversificados, chegando mesmo a indicar uma construção que, por vezes, poderia ser considerada como ficcional.

Neste trabalho pretendemos analisar matérias/micro-documentários divulgando os primeiros resultados do Censo 2010, veiculados pela Rede Globo de Televisão no horário do Jornal Nacional, horário de maior audiência média da televisão brasileira, compondo uma espécie de mini-série jornalística que foi denominada, pela emissora, como *Retratos do Brasil*.

As matérias ou micro-documentários

Ao todo são oito matérias/micro-documentários, todos girando em torno dos resultados do Censo Demográfico de 2010 e foram ao ar entre 16 e 21 de novembro de 2011. Vamos tentar entender a sua narrativa, como articula a informação estatística e os recursos de texto, imagem, locução e personagens apresentados.

Mudança no perfil das famílias brasileiras – 16/11/2011 (1):

Abre mostrando como analfabetismo caiu mas continua alto entre crianças com 10 anos; a presidenta do IBGE aponta a facilidade de resolver o fato enfatizando a facilidade de alfabetização nessa faixa etária. São apresentados os dados de abastecimento de água (90%), antes do dado negativo de 32,9% referente à ausência de esgoto ou fossas adequadas; são exibidas imagens de riachos com garças brancas sobrevoando o local, procurando alimentos (não são urubus). Com relação à mortalidade infantil aparece uma sequência com mulher grávida acariciando a barriga, exame de ultrassonografia em grávida, perfis de diversas grávidas, todas bem vestidas, apresentação do número de 3,4%, em média, de mortalidade antes do primeiro ano e



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

8,5% no Amazonas. Com relação à emigração, a mulher entre 20 e 35 anos, é apontada como a maioria e, no entanto, é entrevistado um menino adolescente com menos de 18 anos. Já no que diz respeito à renda do chefe de família, o dado de que em uma, entre três famílias, a mulher divide o sustento. É apresentado um casal branco, de classe média, devidamente enquadrado neste caso, e há um depoimento favorável por parte da mulher, corroborado pelo homem, que cita outros amigos na mesma situação.

Comentário: o dado negativo com relação ao analfabetismo é atenuado pela declaração da presidenta do IBGE. Não caberia a ela fazer uma qualificação da facilidade de aprendizado nessa faixa etária. Nos dados relativos ao saneamento básico, a mesma política de atenuação, uma vez que o dado favorável é apresentado antes do desfavorável, o que contraria, inclusive, o critério de notícia, além da apresentação de um riacho com garças brancas, o que difere muito da realidade dos urubus que geralmente sobrevoam os locais sem esgotamento contaminados por dejetos e materiais em decomposição que costumam atrair estas aves. Com relação à mortalidade infantil, as imagens apresentadas referenciam as situações arquetípicas de gravidez que são utilizadas em publicidade, todas positivas, tendo o seu ponto máximo no exame de ultrassonografia, que costuma ser um privilégio dos que possuem plano de saúde. As imagens apresentadas não referenciam mortalidade infantil e nem o alto índice do Amazonas. No caso da emigração, ao entrevistar um menino adolescente, o fato da emigração passa a ser conotado como coisa irresponsável, como rompante de adolescência, e o gênero e faixa etária predominante – mulheres entre 20 e 35 anos – tanto como as possíveis causas, são cuidadosamente escamoteadas. Com relação à renda do chefe de família e a participação cada vez maior da mulher nessa composição, com o depoimento favorável da mulher e com a referência a outros casais na mesma situação pelo homem, o fato passa por uma espécie de “naturalização”, ajustando a natureza referencial do dado estatístico à cultura tipicamente patriarcal brasileira.

Metade da população brasileira vive com R\$ 375 por mês – 16/11/2011 (2):

A desigualdade é apresentada através da imagem de Vanda, do Maranhão, que sustenta dois filhos com 134,00, através do bolsa-família. Imagem de uma casa simples



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

mas com tv, dvd e som, que são devidamente explorados pela câmera. Renda/cor/gênero: apresentação de gráfico simples com a enorme desigualdade entre estes itens. Imagem de pessoas transitando na rua. Na parte de gênero, os números do rendimento menor da mulher, comparativamente ao dos homens, é apresentado tendo como fundo uma confeitaria, enquanto o dos homens, em imagens de trabalho pesado de rua, com britadeiras. Para concluir o quadro sobre desigualdade, é colocado um analista econômico do IBGE da cor negra comentando.

Comentário: o contraponto entre o rendimento de Vanda e as imagens dos equipamentos eletrônicos que possui pode até ter sido casual mas estabelece uma espécie de fala paralela do tipo “não ganha bem mas pode ter equipamentos eletrônicos de ponta, tais como tv, som e dvd” e configura uma tensão entre o que se está evidenciando através dos números e da locução e a fala da imagem. O gráfico com as enormes desigualdades de renda entre renda/cor/gênero, além dos números teve a única representação configurada através da caracterização de gênero, com os rendimentos da mulher sendo apresentados tendo como fundo uma confeitaria e o dos homens em cima da imagem de um operário com uma britadeira, legitimando a desigualdade através do suposto “trabalho duro” atribuído aos homens.

Aumenta o número de pessoas que preferem morar sozinhas - 17/11/2011 (3):

Michelle, jovem publicitária que mora sozinha e que gosta de morar sozinha, sem ninguém a importunando é apresentada em seu apartamento, teclando no computador. O aumento do número de pessoas que moram sozinhas é atribuído ao individualismo, separações etc, e aumento da longevidade, que teve um crescimento de 2,2%. Daí para a frente, a outra metade da matéria, vai se centrar exclusivamente na solidão do idoso e na vida comunitária desse idoso como contraponto à solidão, fechando com o depoimento de uma idosa que se refere a uma certa melancolia mas enfatiza as vantagens de morar sozinha, não ter que dividir as coisas, de ter as coisas no seu devido lugar sem ninguém mexer, etc.

Comentário: dois extremos do “morar sozinho” são apresentados. De um lado a moça jovem, bem sucedida, que opta por morar sozinha e, do outro, os idosos, que não



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

possuem outra alternativa, uma vez que estão vivendo mais e acabam por ficar sozinhos. A desagregação familiar, as dificuldades de renda, o descaso com o idoso, a descrença das pessoas com a ideia da família como matriz de uma vida mais harmônica, nada disso é problematizado nas configurações. Morar sozinho fica sendo coisa típica de jovens empreendedores executivos ou de idosos longevos. Ou seja, a condição de morar sozinho é conceituada como um privilégio, uma verdadeira dádiva.

Desigualdade entre as regiões - 17/11/2011 (4):

Um em cada 4 municípios brasileiros tem, pelo menos, 25% de analfabetos. É apresentada a desigualdade das regiões no tocante ao analfabetismo que, na faixa etária de 10 anos chega a 6,5%. São apontadas as possíveis causas, as crianças estarem entrando tarde demais na escola ou tendo um ensino de má qualidade, e é colocado um depoimento de uma professora de língua portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ressaltando a falta de leitura generalizada que capacitariam as crianças a fazerem as correlações necessárias para o entendimento de um texto. A partir daí é apresentada a taxa de 29,4% de analfabetismo entre as pessoas com mais de 65 anos de idade e, em 1 minuto dos 2,4 minutos totais da matéria/micro-documentário, segue o foco no processo de alfabetização do idoso.

Comentário: as causas apontadas para o analfabetismo chegar à casa dos 6,5% aos 10 anos de idade, segundo os pesquisadores, seriam a criança entrar tarde na escola ou ter um ensino de má qualidade. Se considerarmos que a grande massa de crianças é alfabetizada nas escolas públicas, o problema fica situado diretamente na instância pública. Mas o depoimento da professora de Língua Portuguesa, da UERJ, generaliza essa falta de leitura, que pode ser atribuída a várias situações em que ela ocorreria e não propriamente na escola. O depoimento “soluciona” a tensão causada pelos números e conta, daí para a frente, com o apelo emocional da alfabetização do idoso, resolvendo a situação incômoda trazida pelos números através da emoção e dramatização com cerca de um minuto dedicado aos idosos sendo alfabetizados, quando, no cômputo total representam uma parcela pequena dos analfabetos, uma vez que estão presentes em pequena quantidade, poucos são os idosos no total da população.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Censo 2010 traz número de mortes no Brasil pela primeira vez - 18/11/2011 (5):

Abre com homem carioca de classe média alta lamentando a perda de um filho jovem em acidente automobilístico. Locução evidencia que morrem mais homens no país e a idade entre 20 e 24 anos é a mais frequente. Nessa faixa, para cada 100 mulheres que morrem, morrem 420 homens. Foco em Alagoas, aonde, para cada 100 mulheres morrem cerca de 800 homens. Corta para cientista político falando sobre a violência e fecha com depoimento de mulher de classe média que perdeu o filho vítima de violência.

Comentário: a perda de um filho, dramatizada por um homem de classe média alta, que perdeu o filho em acidente automobilístico e da mulher, também de classe média, que perdeu o filho vítima de violência, não representam o grande contingente de mortes que ocorrem entre homens de 20 a 24 anos. A matéria deveria ter focado, no caso, como exemplo, o estado de Alagoas, aonde, para cada 100 mulheres, 800 homens são mortos. Mas a representação simbólica, neste caso, no caso do maior contingente de mortos nessa faixa, recairia em evidenciar os mortos das classes menos favorecidas, os rapazes que se envolvem com contravenção. As vítimas apresentadas, nesse caso, são dois jovens de classe média, quantitativamente, a menos expressiva.

Família brasileira está menor - 19/11/2011 (6):

Imagem de casal branco, família supostamente bem estabilizada, de classe média, mulher grávida junto com o marido e um filho. A mulher diz que as coisas mudaram muito desde a época dos pais e menciona a necessidade de estrutura, de base na família para suportar as mudanças. Repórter no vídeo diz que a família brasileira está cada vez menor e que a média é de quase dois filhos por casal e que nada mais tem de tradicional. Que dobrou o número de divorciados e caiu o de uniões e aponta a natureza, um conjunto de árvores com enormes raízes, como o único local em que você encontra uma família enraizada, no caso, a família de árvores. É mostrada a queda generalizada da taxa de fecundidade e apresentado um casal branco, ela loura, de classe média, que



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

foi morar junto depois de três meses de conhecimento, quando veio a filha. Tudo isso é apresentado, no vídeo, como referencial do novo tipo de arranjo familiar e o homem cita que “o amor vale mais do que um papel escrito”. Locução em *off* diz que eles vinham de outros casamentos que não deram certo. Fecha com a mulher falando da dificuldade de um casamento e refere-se à mudança das pessoas como busca da felicidade.

Comentário: os novos padrões de comportamento, fortemente referenciados pelos dados estatísticos sofrem uma “domesticação” para serem apresentados. Não são apresentados depoimentos de divorciados ou de quem conteste a união matrimonial. A perda das referidas “raízes” é apresentada com humor pela jornalista, atenuando a mudança radical no padrão de comportamento familiar que tem ocorrido mas que não encontra bem representado, além da enorme dificuldade de ganhar a vida, pagar escolas, de manter um padrão minimamente confortável de vida, que está cada dia mais cara, mais ainda se envolver alimentação de filhos, saúde, e educação e por aí vai. Não é esse o foco da abordagem e a problematização de uma coisa tão complexa como essa vai ter um simulacro de solução através da frase proferida pela mulher do segundo casal, o que não casou oficialmente, que poderia ter sido retirada da fala de uma personagem da novela das oito: “acho que as pessoas estão buscando a felicidade”.

Avanços e falhas na educação - 21/11/2011 (7):

Abre com a referência às grandes distâncias como barreira mas qualifica o isolamento da amazônia como cada vez menor. É mencionada a evasão escolar, são apresentados gráficos estatísticos e é dado foco em Rafael, um jovem de 17 anos, branco/moreno, boa pinta, que conseguiu concluir o ensino médio e agora vai para a faculdade. Corta para a evidência de tecnologia em sala de aula “como forma de manter o interesse de uma geração que já nasceu conectada”. Alunos com computadores e celulares ligados à internet em sala de aula interativa. Corta para a casa de Tamirez, uma adolescente que mora numa habitação de periferia, aonde não tem rede de esgoto. Mas Tamirez tem computador. São apresentados os números de aumento na taxa de conexão dos lares brasileiros à internet, que teria pulado de 10,6 para 38,3% em 10 anos. É feita a referência à “janela para o mundo” que o computador de Tamirez



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

representa e fecha com a adolescente declamando versos de Fernando Pessoa, lidos na tela do computador. Finalizando, Tamirez dá o seu depoimento de ter encontrado o poeta graças à internet.

Comentário: basicamente são apresentados apenas avanços na educação. Eles são inteiramente caracterizados pela utilização dos novos dispositivos de informática ou telecomunicações. Conexão à internet, utilização de computadores em sala de aula, culminando com a apresentação da menina Tamirez, cuja casa fica em uma localidade sem rede de esgoto mas com computador e conexão à internet, o que teria possibilitado o acesso de Tamirez ao universo da cultura e da literatura. A taxa de conexão dos lares evidencia que houve um aumento de mais de 300% em dez anos, mas não ressalta que, ainda, cerca de 62% dos lares não possuem essa conexão. A imagem de Tamirez se presta à metáfora da modernidade, do avanço, e do esquema compensatório encontrado em quase todos estes micro-documentários. A ausência de rede de esgotos é atenuada pelo acesso ao computador e à internet. A construção se presta, igualmente, a outro raciocínio: se Tamirez, numa localidade pobre, conseguiu isso, todos podem conseguir. Se ela se conectou é porque a taxa de conexão no país é, efetivamente, alta.

Quase 13 milhões de pessoas com alguma deficiência grave - 21/11/2011 (8):

Bonner, o âncora do telejornal, qualifica os critérios de deficiência: dificuldade de enxergar, de ouvir ou deficiência motora. Abre mostrando pessoas de diversas raças, gênero e faixas etárias com deficiência. É apresentado o dado estatístico – mais de 45 milhões de brasileiros disseram ter algum tipo de deficiência, quase 24% da população. Foram, também, apresentados os critérios do questionário da pesquisa que estipula um padrão de gravidade da deficiência. Mais de 13 milhões de brasileiros responderam que sim, têm algum tipo de deficiência grave. É apresentada a distribuição de população por tipo de deficiência. Corta para advogada, branca, chefe do departamento jurídico de uma organização de defesa das pessoas com deficiência. Ela ressalta a boa formulação da lei brasileira e denuncia que não é cumprida. Corta para Natália e Nicolas, dois irmãos que nasceram com paralisia cerebral. Casa modesta, tijolos aparentes, é ressaltada a dedicação integral de Maria de Lourdes, a mãe, aos filhos. Maria de



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Lourdes vive em função dos filhos. Ela desabafa, chorando, que “tenho que dar o banho, tenho que vestir, arrumar a mochila do colégio, né...e aí é muita coisa”. Ela diz que “lugar de criança é na escola”. Locutor ressalta que Nicolas está na nona série e que Natália está terminando o ensino médio; corta para Maria de Lourdes que, chorando, se declara emocionada pelas conquistas das crianças.

Comentário: os dados de deficiência são bastante relevantes. O índice de 24% da população com algum tipo de deficiência é por demais elevado. E, ainda, o filtro de deficiência grave aponta para mais de 13 milhões de brasileiros. Diante desses números espera-se que seja demonstrada alguma coisa institucional, alguma política pública, enfim, ainda que seja algo em processo inicial mas que represente a contrapartida dos números apresentados. A situação dramática se “resolve” na figura de Maria de Lourdes que, tendo dois filhos com paralisia cerebral, dedica-se integralmente a eles e assume com rigor esse dever, o que fica explícito em seu depoimento. O recado é claro, a leitura também. O voluntarismo, a dedicação da família, a atitude “Maria de Lourdes” seria a fórmula ideal para lidar com o problema da deficiência. Se tivermos uma legião de “Marias de Lourdes”, o problema da deficiência estará resolvido no país.

Conclusão

De um lado temos uma instituição de excelência na área da geografia e da estatística, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, cuja missão institucional é “*retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania.*” (9)

Do outro temos da maior rede de televisão do país que, pela sua história, tradição e posição que ocupa no Brasil e no mundo, é responsável pela construção do nosso próprio ideário de nacionalidade. Como Maria Rita Kehl coloca no seu texto *Um só povo, uma só cabeça, uma só nação*, quando fazia um balanço sobre a TV brasileira na década de 70, “escrever sobre a TV brasileira neste período é reconstituir a história da indústria cultural no país ligada à atuação dos grandes monopólios econômicos, e consequentemente, à história da Globo”. (KEHL, 1980: 405)



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Como produto dessa relação institucional entre um órgão público e a maior rede de televisão da América do Sul e uma das maiores do mundo, a principal responsável pela construção de um sistema de comunicação de massa no país, são produzidos o que ensaiei chamar de micro-documentários, um conjunto de matérias informativas que não se encaixam num padrão convencional de noticiário e que, também, não possuem a estatura ou o *status* de documentário.

Podemos notar, claramente, que através do que resolvemos apelidar de micro-documentários, todos compondo a série *Retratos do Brasil*, realizados para inserir a divulgação dos resultados do Censo Demográfico de 2010 no horário de maior audiência média da televisão brasileira, o Jornal Nacional, realiza-se uma sofisticada operação discursiva que vai muito além da divulgação referencial dos resultados estatísticos obtidos.

Produz-se a modulação de visões de mundo, verdadeiras construções e operações simbólicas, através de enunciados que se sobrepõem à referencialidade da simples divulgação de resultados, utilizando fortemente o recurso da imagem neste sentido. A seleção das pessoas, dos depoimentos, a edição destes depoimentos, o tempo dedicado a cada aspecto ligado às questões abordadas, tudo “significa”.

A crítica a estes micro-documentários condiz com a ideia de preservar a missão institucional do IBGE, de promover, no país, o *conhecimento da realidade e o exercício da cidadania*. Caberia, num trabalho maior, fazer uma análise mais detalhada que desse conta de diversos detalhes que os enunciados apresentam. Um rastreamento mais pormenorizado certamente indicaria caminhos críticos mais contundentes. Afinal de contas, a maior parte da população brasileira, com relação aos principais dados sobre o país, vê o que está ali, diante da câmera, o que a Rede Globo está mostrando, e se a Rede Globo está mostrando, se a imagem está “falando”, então é verdade. E assim se trabalha a imagem do que é e do vir-a-ser do país, a identidade de uma nação. E hoje é em “redes” que se constrói, destrói, ou ainda, se desconstrói esse imaginário.

Finalizando, para melhor refletir sobre estas questões, cabe lembrar o que Bill Nichols colocou com relação a dualidade ficção/não-ficção no documentário e as consequências de cada orientação:



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

A ficção talvez se contente em suspender a incredulidade mas a não-ficção com frequência quer instilar crença (aceitar o mundo do filme como real). É isso que alinha o documentário com a tradição retórica, na qual a eloquência tem um propósito estético e social. Do documentário não tiramos apenas prazer mas uma direção também. (NICHOLS, 2005: 27)

REFERÊNCIAS

KEHL, Maria Rita. Um só povo, uma só cabeça, uma só nação. In: CARVALHO, Elisabeth; KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santuza Naves. (Coord.). *Anos 70: televisão*. Rio de Janeiro: Europa, 1980. p. 405. v. 7.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Tradução Monica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005. – (Coleção Campo Imagético)

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal...o que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

Sites:

- 1) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/censo-2010-confirma-mudanca-no-perfil-das-familias-brasileiras/1698919/> - acesso em 5/12/2011
- 2) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/metade-da-populacao-brasileira-vive-com-r-375-por-mes-segundo-o-censo/1698928/> - acesso em 5/12/2011
- 3) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/aumenta-o-numero-de-pessoas-que-preferem-morar-sozinhas-segundo-o-ibge/1700160/> - acesso em 5/12/2011
- 4) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/censo-2010-mostra-desigualdade-entre-as-regioes/1700162/> - acesso em 5/12/2011
- 5) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/censo-2010-traz-numero-de-mortes-no-brasil-pela-primeira-vez/1701553/> - acesso em 5/12/2011
- 6) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/censo-2010-revela-que-familia-brasileira-esta-menor/1702448/> - acesso em 5/12/2011
- 7) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/censo-2010-retrata-avancos-e-falhas-na-educacao/1704282/> - acesso em 5/12/2011
- 8) <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/brasil-tem-quase-13-milhoes-de-pessoas-com-alguma-deficiencia-grave/1704268/> - acesso em 5/12/2011
- (9) <http://www.ibge.gov.br/home/diseminacao/eventos/missao/default.shtm> - acesso em 5/12/2011



Análise do quadro: Parceiros do RJ a partir dos conceitos de construção da notícia apresentados pelo autor Josenildo Guerra¹

Andréa Pestana Caroli de Freitas²

Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica PUC-Rio

RESUMO:

O aumento da presença de pautas comunitárias no telejornalismo de emissoras como a TV GLOBO, para além de uma tendência jornalística, apresenta-se também como possível resposta ao cenário político e econômico da Cidade do Rio de Janeiro dos últimos quatro anos. Nesse ensaio pretende-se refletir sobre os impactos junto à produção das notícias trazidos pela aproximação do telejornal das camadas populares, por meio do quadro Parceiro do RJ do RJTV Primeira edição – e compreender a nova lógica de produção da notícia.

PALAVRAS-CHAVE: valor notícia; interesse social; enquadramento; telejornalismo; comunidade.

Após a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), em 2008, que demarcou a implantação de uma política social de retomada dos espaços das favelas ao cenário da cidade, garantindo a esses espaços o acesso aos serviços públicos básicos, como coleta regular de lixo, fornecimento de luz e água, o foco jornalístico passou a privilegiar um enquadramento sócio cultural das comunidades, que deixaram de fazer parte, apenas, de suas pautas policiais.

A pesquisadora Itania Gomes em seu trabalho, Estudos de Televisão, relacionou a busca pela proximidade da mídia com as camadas populares, a uma tendência contemporânea da TV aberta brasileira, sobretudo na produção de notícias (GOMES, 2011).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho do IX Seminário de alunos de Pós-Graduação da PUC-Rio. Josenildo Guerra é professor da Universidade Federal de Sergipe – obra: O percurso interpretativo na produção da notícia.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, graduada em Relações Públicas e Jornalismo pela Faculdade Integrada de Comunicação Hélio Alonso, MBA em Marketing pela COPPEAD/UFRJ. e-mail:pstana06@gmail.com - Orientadora: Adriana Braga.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Cabe aqui lembrar a dicotomia entre a sociedade e a comunidade pontuada por Ferdinand Tönnies.

Nas sociedades modernas, cosmopolitas, o interesse próprio e a conduta calculista enfraqueceram os contornos tradicionais das relações. Predomina a *Kurwille* (a vontade racional), inspirada pela racionalidade instrumental na escolha dos meios para atingir os fins. As relações são mais impessoais e indiretas e correspondem a uma sociedade de governo burocrático e de organizações industriais de larga escala. A *Wesenwille* é orgânica e real enquanto a *Kurwille* é conceptual e artificial. (TÖNNIES, 1947)

Os espaços comunitários possuem “condutas sociais” próprias, tratados de convivência específicos. Assim, o desafio do telejornalismo contemporâneo, ao colocar a “comunidade” na pauta do dia, é decifrar esses códigos de conduta social, em suas matérias jornalísticas de modo includente, assumindo uma cidade plural.

Dessa forma, a inclusão da comunidade numa ordem social ampliada deve resultar numa prática social em que esses arranjos de convivência não sejam noticiados como espetáculos midiáticos, *infoentretenimento* (KELLNER, 2006).

Para Fernando Wetman o jornalismo comunitário vem em resposta especialmente à demanda mercadológica, como defendeu em trabalho apresentado no I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 2006.

Percebe-se na mídia a caracterização da comunidade, como um espaço “da falta”, daí as notícias sobre esses espaços responderem tão bem ao papel assumido pelo jornalismo de “prestador de serviços” à comunidade, segundo a pesquisadora Beatriz Becker, uma tendência do Jornalismo Regional (BECKER, COMPÓS 2012).

Por meio da inserção das demandas populares e do cotidiano das comunidades, em quadros específicos como RJ Móvel e Parceiros do RJ, a emissora toma para si a posição de



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

agente de cidadania colocando-se como “parceira do povo” e utilizando-se das pautas comunitárias para um jogo de pressão sobre o poder público.

Parceiros do RJ – RJTV Primeira edição

É um projeto jornalístico que foi implantado pela TV Globo em janeiro de 2011, com a abertura de inscrições para jovens a partir de 18 anos com o ensino médio concluído. O projeto tem o objetivo de capturar o olhar do morador, a realidade de cada um, formando uma fotografia da cidade, retratando o seu cotidiano.

Assim, numa parceria entre o Telespectador e o RJTV, as histórias das oito regiões cobertas pelo projeto serão veiculadas, trazendo pontos de vista diferentes dos lugares onde moram. As regiões que farão parte do Projeto: Área 1: Região Administrativa de Copacabana. Inclui Copacabana e Leme; Área 2: Região Administrativa da Tijuca. Inclui Tijuca, Alto da Boa Vista e Praça da Bandeira; Área 3: Região Administrativa de Campo Grande. Inclui Campo Grande, Cosmos, Inhoaíba, Santíssimo e Senador Augusto Vasconcelos; Área 4: Região Administrativa da Cidade de Deus; Área 5: Região Administrativa do Complexo do Alemão; Área 6: Município de Duque de Caxias; Área 7: Município de Nova Iguaçu; Área 8: Município de São Gonçalo.

Para os idealizadores o projeto - Parceiros do RJ - reforça a ligação de bairros e comunidades com o telejornal, enriquecendo a cobertura jornalística do Rio, com a Região Metropolitana. Foram selecionados 16 jovens para trabalharem em dupla na cobertura das regiões. Os jovens receberam treinamento para operar a câmera oferecida pela TV Globo e participaram de palestras e oficinas com profissionais da Central Globo de Jornalismo.

O trabalho do parceiro RJ se desenvolve da seguinte forma, o jovem deve descobrir histórias, gravá-las e contá-las diante da câmera. Além disso, tem que fazer o acompanhamento da edição do material na emissora, antes de ir ao ar no telejornal. O trabalho é supervisionado por um jornalista da TV Globo.

Os selecionados tiveram um contrato com a TV até o dia 31 de dezembro de 2011, e receberam remuneração mensal de R\$ 1.120,00, numa carga horária de quatro horas semanais.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

O processo seletivo constou de análise curricular e prova de português, conhecimentos gerais, raciocínio lógico e redação.

Para a segunda edição do quadro houve mudanças nas áreas de cobertura:

- Complexo do Alemão
- Duque de Caxias
- Madureira (Madureira, Campinho, Quintino Bocaiúva, Cavalcanti, Engenheiro Leal, Cascadura, Madureira, Vaz Lobo, Turiaçu, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Oswaldo Cruz, Bento Ribeiro e Marechal Hermes)
- Maracanã (Maracanã, Vila Isabel, Andaraí, Grajaú, São Cristóvão, Mangueira, Benfica e Vasco da Gama)
- Niterói
- Rocinha (Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu)
- Santa Cruz (Santa Cruz, Paciência e Sepetiba)
- São João de Meriti e Belford Roxo

Inovação do quadro Parceiros RJ:

Como primeira resposta, o quadro Parceiros do RJ Primeira edição do RJTV proporcionou a emissora a ampliação da cobertura em parte da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, além de trazer o olhar e o enquadramento próprio de moradores das áreas cobertas. Assim, os parceiros saem do lugar de receptor para serem os produtores das notícias sobre seus espaços sociais.

No entanto, a pesquisadora Beatriz Becker afirma que o processo de treinamento dos parceiros pela emissora comprometeu a espontaneidade das tomadas e da linguagem, trazendo uma espécie de repetição do modo característico de cobertura da TV Globo, (BECKER, COMPÓS, 2012).

Esse modelo de apresentação das reportagens não geraria na sociedade a crítica necessária para formulação consciente de pressões sociais sobre o poder público, que pese nesse contexto o enfraquecimento das associações de moradores das comunidades ao longo dos anos, por conta do poder paralelo do tráfico instaurado nesses espaços e a ausência do



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

poder público. As emissoras passariam assim, a ser o único meio de dar visibilidade às demandas comunitárias, o que na TVGLOBO, particularmente constituiu a razão do fortalecimento do jornalismo popular, como justificativa para a importante prestação de serviços à sociedade.

“Os discursos dos noticiários televisivos valorizam mais a si mesmo como ator social principal e a necessidade de sua existência do que a população no exercício de suas mediações” (BECKER, 2012).

A Notícia

O professor Guerra traz em seu livro, O percurso interpretativo da notícia, uma afirmativa que faz refletir sobre a oferta da cobertura do cotidiano nas comunidades: *“A realidade do fato que interessa ao público, antecede à notícia”* (GUERRA, 2008).

Na TV GLOBO, a implantação do quadro Parceiro do RJ do RJTV Primeira edição teve como uma das motivações a resposta aos programas populares já veiculados por outras emissoras. Pois, a emissora costumava cobrir pautas populares por meio de matérias produzidas de forma bem diferente, como era o caso das matérias do jornalista Tim Lopes, apresentadas no Programa de domingo: Fantástico.

Após a morte do jornalista e a publicidade de casos semelhantes de cobertura dos espaços comunitários, era preciso “entrar” nas comunidades de uma forma mais integrada, diferenciada. O que foi realizado através do quadro Parceiros do RJ do RJTV Primeira edição.

A Oferta

O novo quadro veiculado na grade de programação da primeira edição do RJTV cria uma nova categoria de audiência e traz como diferencial às reportagens, o lugar de fala de seus produtores. Nota-se, no entanto, que o público para o qual a emissora costumava orientar seu telejornal do meio dia, não tinha ou tem interesse sobre as pautas do quadro Parceiros RJ e que houve uma imposição do quadro na grade do telejornalismo, levando-se em conta o perfil de público.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

O RJTV foi ao ar em janeiro de 1983, trazia uma panorâmica do cotidiano urbano da cidade e do Estado. O telejornal tinha apenas dez minutos. Hoje o telejornal tem duas edições – ao meio dia e às 19h – O RJTV Primeira edição tem em média 40 minutos e quatro blocos, e o RJTV Segunda edição tem 15 minutos. A primeira edição reserva mais espaço para os temas comunitários e a segunda privilegia o factual. (BECKER, 2012).

A cobertura das comunidades iniciou-se com a tomada dos morros da cidade pelas forças militares, que teve destaque em todos os telejornais da emissora. A implantação do quadro num horário específico em que o “grande público” da emissora, não está em casa, funciona como um laboratório de pautas, que dá ao telejornal a possibilidade de veicular as notícias de maior repercussão nos telejornais principais, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Dessa maneira, pode-se perceber que a emissora se dirige a um novo público, e que o “fideliza” a partir do quadro, ao acompanhar as reportagens sobre suas comunidades e seus espaços sociais, apresentado por uma pessoa de dentro de sua realidade.

Segundo Muniz Sodré, a televisão funciona para a sociedade como uma máquina de narciso (SODRÉ, 1984), na qual o mais importante é estar representado, sem que esta representação tenha alguma análise crítica por parte da população. Juntando-se a essa questão da representação, o imperativo econômico de sustentabilidade dos veículos de comunicação, o jornalismo comunitário, tendência do telejornalismo da contemporaneidade, atende perfeitamente a essas duas vertentes: a presença do cidadão comum, com sua realidade de carências sociais reportado pela televisão, em seu papel de agente mediador e a necessidade de viabilização econômica, por meio da disputa pela audiência.

O Jornalista é um ator social que no exercício de sua profissão, toma para si a responsabilidade de informar o cidadão com o objetivo de que uma vez informado, ele tenha condições de gerenciar sua vida.

Portanto, muito embora o indivíduo passe diante de um fato ocorrido e tenha a oportunidade de perceber o que aconteceu, ele delega à mídia o poder de informá-lo sobre aquele mesmo fato.



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

A credibilidade e a confiança do público atuam reciprocamente uma sobre a outra no sentido de dar legitimidade à instituição jornalística.

Assim, o fio condutor dos argumentos desenvolvidos por Guerra, situa o jornalismo, não como um aparato técnico-industrial de produção de notícias, mas a partir de um vínculo social que os profissionais e instituições jornalísticas e a própria sociedade se empenha em consolidar.

Construção da notícia

As Organizações Globo conceituam a prática do Jornalismo como sendo uma atividade cujo propósito central é produzir um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas.³

No entanto o processo de construção da notícia é complexo, dentro do campo de estudos da comunicação existem teorias que defendem teses muito bem sedimentadas, é o caso das teses: subjetivista e construcionista, que consideram a notícia uma construção social. Essas teses são os eixos temáticos que orientam as discussões de toda a obra de Guerra. O jornalismo enquanto prática social nos propõe duas reflexões, uma sobre a natureza do conhecimento cotidianamente produzido, outra sobre a forma como esse conhecimento é recebido e legitimado socialmente.

A obra de Guerra parte da premissa de que o conhecimento não reflete a realidade, antes a configura.

O conceito de subjetivismo, trás a ocorrência como uma realidade que sustenta o acontecimento, como a apreensão do fato pelo sujeito. Já o conceito construcionista defende que o fato é uma objetivação humana, ou seja, tem uma produção histórica. Desse modo, a notícia jamais apreende o fato, mas na sua aparência, ou seja, no modo como foi objetivado pelas forças sociais.

³ Disponível: [HTTP://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#diante-do-publico](http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#diante-do-publico)



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Por essa razão é que são tão necessárias as falas autorizadas e os discursos institucionais e especializados, esperados e até mesmo cobrados pela sociedade, como diria Foucault – a voz do perito – como traz Guerra, como parte do processo de legitimação da notícia.

Para Guerra, tanto para o subjetivismo quanto para o construcionismo o jornalismo constrói os fatos ao noticiá-los sem que a sociedade se dê conta desse processo.

Na verdade, é a sociedade que abastece a atividade jornalística, através da confiança no cumprimento do imperativo ético, dá a munição necessária para que essa prática continue existindo, sem jamais oferecer o retorno que a sociedade acredita estar recebendo.

Pode-se mesmo imaginar um processo simbiótico, pois a sociedade é fonte, usuário, receptor, consumidor e interessado como parceiro sócio, econômico e político das notícias veiculadas pelos meios de comunicação. Essa relação complexa entre a sociedade e os meios de comunicação só é possível pelo fato de, como afirmava o professor Nilson Lage⁴: “a sociedade não existir como um todo, mas como a reunião de grupos heterogêneos”.

Parceiros do RJ: A realidade do fato que interessa ao público é anterior à notícia.

Se a realidade do fato que interessa ao público antecede à notícia, a realidade do fato que interessa aos veículos de comunicação antecede à produção e à orientação da percepção social sobre a notícia.

Dessa forma para além da prestação de serviço à sociedade que os meios de comunicação tomam para si como fator imprescindível de sua atividade, a produção da notícia constitui-se per se, uma orientação para a vida cotidiana do cidadão comum.

Segundo Muniz Sodré, “a mídia é estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições, funcionando como uma espécie de agenda coletiva”. (SODRÉ, 2010, p. 26).

As pautas comunitárias municiam a mídia de fatos que evidenciam a ausência do poder público nas comunidades e que ao ganhar destaque nos telejornais, funcionam antes como instrumento de pressão da emissora sobre o poder público, que uma reivindicação de

⁴ Professor da Universidade Federal do Paraná



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

uma parte da população que deve ter seus direitos respeitados. O que se quer evidenciar é que o valor notícia está permeado pela força política e econômica mais que a social.

Para Guerra o jornalismo do ponto de vista social é uma prática que se desenvolve para atender a uma demanda de informações sobre a atualidade. Ele apresenta-se como um discurso da realidade.

Interessante destacar é que o mesmo imperativo ético que funda o jornalismo como o discurso fiel à realidade é o mesmo que torna possível o “êxito” da prática de legitimar um projeto hegemônico de sociedade.

Porém se para público e profissionais, no dia-a-dia, o imperativo é buscado e reafirmado como algo possível e válido, para construcionistas e subjetivistas ele é apenas a ação estratégica de uns sobre a boa-fé de muitos. É uma espécie de estelionato ético e social.

O Percurso Interpretativo

Guerra apresenta os conceitos de percurso interpretativo da notícia e o das técnicas cognitivas, que segundo o autor, são fundamentais para se entender como a notícia é produzida. Ele identifica o percurso interpretativo como sendo a costura da própria notícia, feita pelo jornalista, esse movimento de captura do fato pela apuração e o passo-a-passo para a construção da notícia. As técnicas cognitivas são os saberes do jornalista que o guiam na realização do percurso interpretativo. Sodré evidencia a cognição como uma das três esferas da divisão do campo da comunicação. (SODRÉ, 2010). Então, o percurso é o caminho pelas técnicas cognitivas para a produção da notícia.

No percurso interpretativo, a verdade e a relevância se constituem parâmetros de desempenho para os profissionais e parâmetros de qualidade para a notícia.

Para mapear o percurso interpretativo, o autor trabalha com dois conceitos de interpretação: Círculo Hermenêutico de Heidegger, que expressa a circularidade envolvendo compreensão e interpretação da experiência existencial humana – assim, “a interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa”- ou seja, a



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

interpretação traz o histórico existencial da pessoa, que interpreta o mundo de acordo com a compreensão que dele tem, por meio de seus valores, crenças e verdades.

O ato de interpretar então é a operação dos significados dados na compreensão, de modo que aquilo que se interpreta já é de antemão, antecipado pelas possibilidades inscritas na compreensão. Esse é, portanto o movimento no qual a interpretação se apropria do patrimônio de sentidos já disponibilizado na compreensão que se vai chamar: Círculo Hermenêutico. Assim, toda a nova interpretação é sempre uma retomada dos conceitos prévios presentes na compreensão – um movimento de volta e atualização do patrimônio de significados já existentes na experiência do sujeito – metamorfose ambulante. – A interpretação é um movimento que traz mudanças de compreensão, e traz em última análise, mudanças de opiniões e posturas sociais.

O outro conceito que o autor apresenta é a Fusão de Horizontes de Gadamer, entende o processo pelo qual a interpretação acontece, através do encontro entre o horizonte do intérprete e o horizonte da tradição. A tradição representa para Gadamer a forma histórica como uma dada civilização se apresenta. Nesse sentido é correlata ao conceito de “compreensão” de Heidegger.

Aonde se quer chegar é que a Fusão de Horizontes é justamente o encontro entre a tradição e a visão do intérprete. Gadamer quer refutar a ideia de interpretação como um ato meramente subjetivo, susceptível às arbitrariedades de ordem pessoal que não reconhecem a alteridade do objeto, pelo contrário, o objeto é interpretado sob as bases em que foi forjado, levando-se em conta todo o seu contexto.

Importante também é destacar o lugar da linguagem nesse processo. O mundo só aparece para homem como tal, na medida em que o co-pertencimento entre eles é experimentado na linguagem. Assim, a circularidade entre compreensão e interpretação tem na linguagem seu meio universal de realização. Logo, notícia é uma construção discursiva que opera a linguagem, isto é, o sentido comum partilhado entre os homens.

A notícia “*toma de empréstimo*” esse sentido comum que permite, a um só tempo ao repórter, se comunicar com a audiência e ambos se entenderem a respeito do fato objeto



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

da notícia. Nesse sentido pode-se falar de objetividade como conformidade. Trata-se de uma conformidade em que o fato só “faz sentido” na e pela linguagem.

Dirigida ao núcleo familiar, a televisão “fala” a linguagem coloquial. Um monólogo controlável, um efeito de poder na dimensão da linguagem, sem apresentar-se como tal, pois interpela a consciência do sujeito como se dividisse com ela o espaço familiar: “a tevê escamoteia, através do envolvimento familiar, a sua condição de veículo eletrônico vinculado a um sistema produtor de mensagens cujo verdadeiro estatuto é o da expropriação da palavra do público” (Sodré, 1977:59).

Berger e Luckmann, que trabalharam a teoria da construção social da realidade, reconhecem a linguagem como uma experiência através da qual os objetos obtêm sentido, e um sentido objetivado.

O objeto de interpretação que se pretende caracterizar é o fato: fato não é algo que se dá naturalmente para ser conhecido. Guerra traz o conceito de faticidade, que são as condições e possibilidades de limites que o sujeito precisa considerar em sua vida. Significa que, num dado momento, num dado lugar, existe um estado de ser das coisas que condicionam a experiência dos indivíduos. Estas condições não são estáticas – porque uma das marcas do fato é o fazer, obrar, de onde se derivam também os resultados como algo efetivo e atual (GOMES, 1993).

A todo o instante os atores sociais interpretam e reinterpretam o mundo, promovendo a fusão de horizontes que transforma e mantém simultaneamente o estado de “coisas” nele existentes, atualizando constantemente o patrimônio de significados herdados da tradição.

Dentre as três matrizes interpretativas apresentadas por Guerra, seja, as instituições, as organizações e os ambientes de convivência, esse último se caracteriza em função de dois aspectos, a afinidade cognitiva – compartilhamento de gostos, discursos. Indica o grau homogeneidade de expectativas compartilhadas; a relação concreta entre os indivíduos em um determinado espaço físico.



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

O ponto comum de ambos os aspectos do conceito de ambiente de convivência é que se constituem em função da existência empírica de relação entre os indivíduos.

A existência de laços de afinidade será decisiva para formar audiências. Ao passo que a existência das relações num determinado espaço físico será decisiva para a indicação das condições nas quais o percurso interpretativo será realizado.

Guerra aponta três etapas como parte do percurso interpretativo: a pergunta; o recorte (contexto espaço temporal); a sistematização (organização final do conjunto de informações para dar conta do fato).



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

REFERÊNCIAS:

BECKER, Beatriz. *Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiros do RJ*. XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

BERGER, Peter e Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002.

CALDAS, Paulo Cirne de. Artigo: *Televisão e identidade na obra de Muniz Sodré* (p.123-139), In: *Mídia, Imprensa e as novas tecnologias* (EDIPUCRS-2002); relato de pesquisa: *Persuadir para não informar* (p. 186-196), revista FAMECOS (PUC/RS-1999)

GIIDES, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GOMES, Itania Maria Mota. *Tendências do telejornalismo brasileiro no início do século XXI: telejornalismo popular e infotainment*. In: *Estudos de Televisão, Diálogos Brasil-Portugal* FREIRE FILHO, João; BORGES, Gabriela (orgs.). Porto Alegre: Sulinas 2011.

_____. *Fato e Ficção na Reinvenção Pós-Moderna da História*. Textos de Comunicação e Cultura, Salvador, v. 1, n.29, p. 128-133, 1993.

GUERRA, Josenildo Luiz. *O percurso interpretativo na produção da notícia*. Ed. UFS e fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP. EDUSC, 2001.

SODRÉ, Muniz. *A máquina de narciso*. Rio de Janeiro. Cortez, 1984.

_____. *Atropológica do espelho*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010.



As chuvas de verão no Brasil e o papel do Jornalismo na divulgação dos riscos¹

Autor 1 : Denise Gomes de Moura²
Universidade de Brasília

Autor 2 – David Renault da Silva³
Universidade de Brasília

Resumo

O objetivo deste artigo é identificar nas principais revistas semanais impressas do país a divulgação de informações sobre os riscos de desastres provocados por fenômenos naturais. Tendo como foco as chuvas de verão, foram analisadas todas as reportagens publicadas nas revistas Veja, Isto é, Carta Capital e Época nos meses de janeiro de 2011 e 2012 que abordaram este tema. Observou-se que os valores-notícia mudaram muito de um ano para outro. A corrupção e o desvio de verbas foram temas centrais em 2012, quando trataram da situação atual da região serrana do Rio de Janeiro. No ano anterior, quando ocorreu o que se considera a maior tragédia natural do país, as reportagens apontaram os riscos e alertaram para providências a serem adotadas no sentido de evitar novos casos.

Palavras-chave: jornalismo; riscos; chuvas; representações sociais; notícias.

1. Contextualização: Vivemos sob o signo do medo, numa situação de perigo global. A sociedade de risco também é da informação, da ciência ou da sociedade em rede, como vem sendo chamada na pós-modernidade, a sociedade contemporânea.

¹ Trabalho apresentado no GT Jornalismo, Meio Ambiente e Cidades Sustentáveis no IX Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio.

² Graduada em Jornalismo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Possui mestrado profissionalizante em Política e Gestão Ambiental, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB. É docente do quadro do Instituto Federal de Brasília. E-mail: dmoura@unb.br

³ Graduado em Jornalismo, Mestre em Comunicação, Doutor em História Cultural. Trabalhou nos jornais O Estado de S. Paulo, Correio Braziliense, revistas Afinal e Exame, entre outros veículos. É professor e Diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É orientador de Denise Gomes de Moura no Mestrado em Comunicação da UnB.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Os riscos são concretos, mas nem sempre visíveis. E o que não é visto, não é lembrado. Muitas vezes, não é sequer levado em consideração. E seu perigo, questionado até mesmo por cientistas que trabalham para grupos de interesses opostos. “Na sociedade de risco escancaram-se novas oposições entre aqueles que *produzem* definições de risco e aqueles que as *consomem*” (BECK, 2010:56). “As mudanças ambientais globais (efeito estufa, buraco na camada de ozônio, desmatamento das florestas tropicais), ao lado de outros riscos aos quais a sociedade moderna é exposta, como acidentes nucleares e lixo tóxico, tem colocado em destaque a questão do risco.” (MOURA, 2003:57).

Beck lembra que as situações de risco e ameaça a que estamos submetidos diariamente não são situações de classe. Os impactos desse mundo de insegurança não atingem apenas os pobres. “À classe dos afetados não se opõe uma classe dos não-afetados, na melhor das hipóteses, a classe dos ainda não-afetados” (BECK, 2010:47). Além de impactar pessoas, independente da sua classe social, esses riscos também não respeitam fronteiras de estados, nações ou continentes. Uma nuvem de fumaça tóxica, produzida em determinado país industrializado pode atingir, dependendo da força e direção do vento, outro país distante que sequer possui indústrias poluidoras.

As chuvas de verão no Brasil tem provocado tragédias, especialmente nas regiões sul e sudeste. Milhares de pessoas em vários municípios do país vivem em áreas de risco e estão vulneráveis às precipitações pluviométricas. Neste artigo pretendemos discutir o jornalismo praticado nas principais revistas semanais impressas do Brasil em períodos de tragédias anunciadas. No imaginário popular, principalmente das regiões mais afetadas, janeiro representa perigo de deslizamentos e vítimas. E a comunicação social, por intermédio do jornalismo veiculado na mídia, contribui fortemente para a determinação desse imaginário, através das representações sociais.

Para a construção deste artigo observamos, no que tange ao risco, as principais revistas semanais do Brasil: Época, Carta Capital, Isto é, e Veja. Foram selecionadas todas



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

as reportagens publicadas nas edições do mês de janeiro nos anos de 2011 e 2012 que trataram do tema chuvas. Desprezamos outros gêneros jornalísticos como artigos de opinião e notas e notícias curtas, por exemplo. Optamos por reportagens, por desejarmos localizar o valor-notícia e a notícia mais trabalhada e contextualizada.

A construção da notícia pode ser compreendida em três fases: a produção, a circulação e o consumo ou reconhecimento. (RODRIGO ALSINA, 2009:19-59). A primeira fase da construção da notícia, a sua produção, é o objeto de estudo das teorias do *newsmaking*. Para os estudiosos dessa corrente teórica o jornalismo não é o espelho do real, mas um dos construtores da realidade social. É por intermédio da notícia, matéria prima do jornalismo, que esta realidade é construída. De acordo com os teóricos dos *newsmaking* os discursos jornalísticos são produzidos levando em consideração critérios de noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção. (PENA, 2005:128-133). O processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial; tem procedimentos próprios e limites organizacionais.

Como parte integrante do paradigma construtivista, surgido nos anos 1970, as teorias dos *newsmaking* partilham a perspectiva de que as notícias são resultado de processos de interação social entre os jornalistas e a sociedade, e entre os jornalistas e suas fontes de informação. O mundo social e político não é uma realidade predeterminada que os jornalistas apenas refletem. Pelo contrário, eles são participantes ativos na construção da realidade. Esse paradigma surge em contraponto à teoria mais antiga, a do espelho; segundo a qual, o jornalista era um comunicador desinteressado que apenas refletia, por meio de suas matérias, a realidade que vivenciava.

De todas as atividades humanas, a fabricação dos fatos talvez seja a mais intensamente social. “Existem causas emocionais na fabricação dos fatos”, diz Denise Jodelet. Para esta pesquisadora, “a comunicação serve de válvula para liberar os sentimentos disfóricos suscitados por situações coletivas ansiógenas ou mal toleradas” (JODELET, 2001:30). Isto explicaria os fenômenos de boatos que surgem frequentemente no meio urbano por ocasião de crises ou conflitos. Assim são criadas as “lendas urbanas”. Daí a importância primordial da comunicação nos fenômenos representativos.



O conceito de representação social é proveniente das ciências psicológicas e sociais. Uma caracterização deste conceito sobre a qual a comunidade científica está de acordo é: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001:22). As representações sociais também são identificadas como saber do senso comum ou como saber ingênuo. Mas enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com as pessoas, organizam as condutas e as comunicações sociais. O conhecimento ingênuo é apenas um outro saber, que não deve ser invalidado como falso. É diferente do saber científico, mas tem o seu valor.

A comunicação social tem papel fundamental nas trocas e interações que ocorrem nas representações sociais, segundo Moscovici. (MOSCOVICI, 2001). Este autor examina a incidência da comunicação em três níveis, sendo que um deles tem forte influência da mídia. É o nível das dimensões das representações relacionadas à formação da conduta. São elas: a opinião, a atitude, e os estereótipos. Todas essas, segundo pesquisas dos efeitos sobre a audiência, tem propriedades estruturais diferentes. “A difusão é relacionada com a formação das opiniões; a propagação com a formação das atitudes e a propaganda com a dos estereótipos” (JODELET, 2001:30). Nesse sentido, o jornalismo entraria na propagação e na difusão de informações. Por este motivo, procurou-se observar reportagens, que são notícias mais elaboradas; a essência do jornalismo. Feita a contextualização do referencial teórico, com o qual o artigo propõe-se a dialogar, apresentaremos a seguir, a amostragem que foi construída e as características das matérias localizadas.

2. Como as revistas abordaram a temática das enchentes

As reportagens de 2011⁴ ocorreram em maior quantidade e com melhor cobertura fotográfica e de texto. Considerada a maior tragédia natural da história do país⁵ e o décimo

⁴ Publicadas nas quatro principais revistas informativas semanais impressas do Brasil: Carta Capital, Época, Isto é e Veja.

⁵ Manchete de capa da revista Época de 17.01.2011: A maior tragédia do Brasil. A revista Isto também destaca em título, embora de página interna: a maior catástrofe da história do Brasil.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

maior deslizamento mundial em número de vítimas fatais, em torno de 800⁶, a catástrofe da região serrana do Rio de Janeiro, foi destaque nas revistas semanais da seguinte maneira: *Época*: semana de 17.01.2011 com 21 páginas; 24.01.2011 com 10 páginas. *Veja*: semana de 19.01.2011 com 7 páginas; 26.01.2011 com 5 páginas. *Carta Capital*: semana de 19.01.2011 com 2 páginas; 26.01.2011 com 8 páginas. *Isto é*: semana de 19.01.2011 com 11 páginas. No total, somando todas as reportagens sobre este tema publicadas nas quatro revistas semanais, no mês de janeiro de 2011 são 64 páginas internas, sem contar que muitas dessas reportagens ocuparam também capas das referidas revistas.

Os veículos de comunicação enviaram equipes de reportagem para as cidades de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, municípios do Rio mais afetados pelas chuvas. O foco do trabalho jornalístico foi a tragédia em si com todas as suas consequências. A cobertura foi factual. As reportagens trazem histórias de vidas e mortes, dramas pessoais e prejuízos materiais. Contabilizam números de desabrigados, desalojados, desaparecidos, mortos e doentes. Os autores das reportagens analisadas se preocuparam em contextualizar a situação vivida, lembrando outras tragédias de anos anteriores com suas vítimas fatais, como havia ocorrido em 2008, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina⁷. A Defesa Civil do Estado de Santa Catarina contabiliza 135 vítimas fatais e duas desaparecidas, já que os corpos ainda não foram encontrados⁸.

Algumas reportagens de 2012 informam sobre a distribuição de verba federal; que além de ser gasta em quantidade infinitamente maior com resposta do que com prevenção, foi sendo distribuída com critérios duvidosos. Matérias jornalísticas discutem o fato de o Estado da Bahia, que não estava na lista dos necessitados por desastres ambientais, ter

⁶ A Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro contabilizou 875 óbitos 9.919 desabrigados e 21.341 desalojados. Informações disponíveis em: <http://www.defesacivil.gov.br/noticias/noticia.asp?id=5507>. Acesso em 30.07.2012.

⁷ A atuação de duas jornalistas: Ana Paula Zenatti e Soledad Sousa na assessoria de imprensa do Governo do Estado de Santa Catarina na época da tragédia resultou na publicação: Comunicação em desastres: a atuação da imprensa e o papel da assessoria governamental. Este livro traz a visão de profissionais do jornalismo que atuaram do outro lado, em órgãos públicos responsáveis por fazer a prevenção de forma mais efetiva.

⁸ Dados disponíveis no sítio da Defesa Civil de Santa Catarina ou no seguinte endereço: http://www.desastre.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=400:santa-atarina-lembra-um-ano-da-maior-tragedia-do-estado&catid=1:ultimas-noticias. Acesso em 30.07.2012.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

recebido mais recursos repassados pelo Ministério da Integração Nacional. Coincidentemente o ministro à época era baiano e candidato a governador do Estado.

Apesar de comentar sobre as questões políticas, as reportagens identificadas na amostragem sobre a tragédia de 2011 no Rio de Janeiro focaram em algo muito importante: as possíveis causas do acidente e o que poderia ter sido feito para evitar. O alerta no sentido da prevenção a novas tragédias esteve presente em quase todas as reportagens. A revista *Veja* inclusive, traz uma edição, a de 26.01.2011, cuja capa trata da prevenção. A reportagem ouviu um grupo de especialistas no assunto, sendo brasileiros e estrangeiros, tendo entrevistado até profissionais que atuaram em casos semelhantes como o da Austrália, que ocorreu em época próxima. A maioria das revistas analisadas lembrou que um sistema de alerta instalado na Prefeitura do Rio de Janeiro previu as chuvas, mas a comunicação às prefeituras das áreas afetadas não foi feita corretamente e nenhuma providência de prevenção e remoção de famílias de áreas de risco foi tomada.

Já um ano depois, em janeiro de 2012, quando as chuvas de verão foram menos intensas e concentradas, as reportagens publicadas nas mesmas revistas, tiveram outro foco. Os mais fortes fatores que tornam a notícia interessante, os chamados valores-notícia, foram alterados. Agrupados em categorias ou em temas, os critérios de noticiabilidade variaram de acordo com a ocasião em que os fatos aconteceram. Na cobertura jornalística periódica os valores-notícia fundamentais, que são: atualidade, proximidade e notoriedade puxam os demais. “Entre os valores-notícia temáticos há os que têm temporalidade imediata, responsáveis por matérias quentes, que têm que entrar obrigatoriamente no noticiário” (JORGE, 2008: 30). Como não houve excesso de chuvas, nem vítimas em grande quantidade, os valores-notícia mudaram.

Em janeiro de 2012 as maiores concentrações de chuva ocorreram nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Sendo que neste último, houve reincidência, embora em menor escala, na região serrana. A importância da cobertura feita pelas mesmas revistas ao tema chuvas foi diretamente proporcional ao número de vítimas fatais. A revista *Época* dedicou 4 páginas de reportagem na edição da semana de 09.01.2012. Na *Isto é* foram publicadas 2 páginas sobre o tema na semana de 18.01.2012. A revista *Carta Capital*



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

publicou 2 reportagens, cada uma com apenas uma página nas edições de 11.01.2012 e de 18.01.2012. Já a revista *Veja* publicou 2 reportagens, ambas de 2 páginas, nas semanas de 11.01.2012 e de 18.01.2012.

Assim como a quantidade de páginas dedicadas ao tema foi menor no ano de 2012, as reportagens também foram publicadas em editorias diversas como de meio ambiente, local, nacional e até em editorias de política e de economia. Isto porque, ao retornar aos municípios devastados pelas chuvas no ano anterior: Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, os repórteres constataram que as cidades ainda não haviam sido reconstruídas e muitos escombros permaneciam como há um ano. Grande parte da verba federal destinada emergencialmente a esses três municípios foi desviada. E um ano depois da tragédia, os prefeitos de dois dos municípios afetados estavam afastados de seus cargos por suspeitas de corrupção. Grande parte dos moradores desabrigados que teriam direito ao aluguel social, ainda não haviam conseguido receber nada.

As reportagens que trataram do tema chuvas nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo foram agrupadas, incluindo o Rio de Janeiro, e trouxeram informações a respeito do quantitativo de mortos, desabrigados, desalojados, doentes, entre outros dados numéricos. É possível identificar nas reportagens publicadas em 2012 o esclarecimento feito à população sobre a necessidade de acompanhamento da distribuição do orçamento público. As reportagens informam sobre organizações não governamentais como o Contas Abertas e o Portal da Transparência, que são fontes de pesquisa de fácil acesso à comunidade. Outro fato trazido pelas reportagens publicadas no ano de 2012 diz respeito à distribuição dos recursos financeiros do programa federal de prevenção a desastres naturais. De acordo com dados disponíveis à população, o estado de Pernambuco recebeu neste ano 90% de toda a verba destinada à prevenção. Coincidentemente, o ministro da Integração Nacional (gestor do programa), à época da publicação da reportagem, janeiro de 2012, era Fernando Bezerra Coelho, nascido em Pernambuco, onde vive sua família.

O alerta para a necessidade de prevenção a novas catástrofes está presente, embora de forma mais tímida, em algumas reportagens de 2012. Alguns riscos ambientais apontados pelas reportagens dizem respeito ao desmatamento e à degradação ambiental. As



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

reportagens são menos factuais, e em sua maioria, remontam ao ano anterior para relembrar a tragédia. Ao fazer retrospecto dos acontecimentos as reportagens contextualizam as chuvas de 2012 e os antecedentes de 2011, assim como seus desdobramentos. Os locais da tragédia revisitados pelos jornalistas são denominados de cidades-fantasma porque além de ter suas áreas de risco desocupadas, não houve reconstrução e em muitas áreas, não foi realizada qualquer limpeza.

Na sociedade em que vivemos os riscos a que estamos expostos estão longe de ser apenas socioambientais. O conceito de risco tem importância sócio-histórica e evolui com a sociedade. Mas não é um fenômeno originário de qualquer ação humana. Ulrich Beck cita inúmeras potenciais ameaças da civilização (BECK, 2010:27-28). Para este autor, os riscos da modernização são os mais variados e geram situações sociais de ameaça. Embora a distribuição e o incremento dos riscos pareçam atingir desigualmente a sociedade, prejudicando sobremaneira os menos favorecidos financeiramente, os riscos “contêm um *efeito bumerangue*, que implode o esquema de classes” (BECK, 2010:27).

Neste sentido, percebemos que a corrupção e o desvio de verbas destinadas às vítimas das enchentes configuram-se como riscos à população. Mas não foram prejudicadas apenas as populações das áreas afetadas. Houve inúmeras vítimas indiretas, moradoras ou não da região da tragédia de 2011. E o efeito bumerangue apontado por Beck comprovou seu efeito sobre os políticos corruptos, especialmente os prefeitos dos municípios de Nova Friburgo e Teresópolis, que foram afastados de seus cargos. No entanto, o bumerangue ainda não completou sua trajetória porque ainda há políticos inescrupulosos sendo beneficiados com os eventos adversos. Mesmo com as denúncias feitas pelas reportagens publicadas em 2012 restam muitos parlamentares e membros do poder executivo a serem investigados.

3. Considerações finais

Ao deslocar o foco da cobertura jornalística das chuvas de 2012 para questões políticas e econômicas, os jornalistas autores das reportagens deixaram as representações sociais em segundo plano. O que falou mais alto foram regras do jornalismo, que priorizam os valores-notícia: atualidade, proximidade e notoriedade. Portanto, se na atualidade a



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

quantidade de vítimas fatais é considerada “dentro da normalidade” (em 2012 não há números coincidentes, porque as chuvas ocorreram em áreas isoladas e vitimou poucas pessoas, em torno de 20 vítimas fatais⁹ contra o ano de 2011 com 875 óbitos) o que mais chama a atenção é a questão da corrupção, que desviou verbas destinadas às vítimas da tragédia do ano anterior. Assim, o jornalismo vai se debruçar sobre os fatos mais recentes, mais notórios e que estão mais próximos; ou seja, na mesma região afetada pelas chuvas em 2011.

Pode-se afirmar que a cobertura das enchentes nas revistas semanais analisadas, em janeiro de 2011, apontou a prevenção como a melhor alternativa para evitar tragédias como as que estavam ocorrendo naquela ocasião. Praticamente todas as reportagens alertaram para as principais providências a serem adotadas no sentido de evitar que o episódio voltasse a acontecer provocando tantas vítimas fatais. As sugestões estão assim listadas; embora não em todas as reportagens e também não seguem a seguinte ordem: 1) mapear áreas de risco; 2) fiscalizar ocupação irregular do solo; 3) fazer remoções em áreas de risco; 4) realizar contenção de encostas; 5) efetuar construções mais seguras; 6) implantar sistema eficaz de radares; 7) realizar alertas de emergência; e 8) efetuar coordenação de ações.

Por outro lado, em 2012, os riscos são além dos socioambientais listados acima, aqueles relacionados à falta de transparência na aplicação dos recursos financeiros destinados às vítimas das enchentes. Os leitores das revistas impressas são informados sobre a gravidade da situação nas cidades afetadas pela tragédia de 2011. Ao voltar ao local um ano depois os jornalistas mostraram que, apesar dos alertas feitos, praticamente nenhuma providência foi tomada no sentido de evitar novas catástrofes. E o pior: os riscos aumentaram. O que antes eram riscos socioambientais, agora são riscos políticos, burocráticos, e de falta de ética; além dos socioambientais, que prevalecem sem solução.

O jornalismo praticado nessas revistas semanais cumpriu seu papel social ao alertar para as possíveis causas da tragédia de 2011 e ao apontar providências a serem adotadas para evitar a sua reincidência. Esta preocupação com a prevenção está bem evidente no ano

⁹

Revista *Carta Capital* de 18.01.2012 informa que as chuvas fizeram 22 vítimas no ano de 2012 até aquela data.



IX POSCOM

**Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012**

de 2011, quando aconteceu o que as revistas consideraram “a maior tragédia da história do Brasil”. No entanto, em 2012 o jornalismo não deixou de cumprir seu papel social. A prevenção continua presente. No entanto, o alerta é para o desvio de verbas, a corrupção e a falta de vontade política, além dos riscos socioambientais, que continuam evidentes. Todas essas indesejáveis características da realidade pública nacional são apresentadas nas reportagens, que alertam a população para acompanhar o uso do orçamento e ter informações suficientes para cobrar dos gestores a aplicação correta do dinheiro público na prevenção a novas tragédias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Tradução: Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ADGHIRNI, Zélia e PEREIRA, Fábio. *Jornalismo em tempos de mudanças estruturais*. Artigo apresentado no 8º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo, em 2010. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br>.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34 (edição brasileira), 2010.

_____. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo, Editora da Unesp, 1991.

_____. *A política da mudança climática*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOSCOVICI, Serge. In: *As representações sociais*. Jodelet, Denise (org.). Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

MOURA, Dione Oliveira (org.) *Comunicação e cidadania: conceitos e processos*. Brasília, Francis, 2011.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, Contexto, 2005.

SILVA, Luiz Martins da. *Jornalismo Público. O social como valor-notícia*. Brasília, DF: Casa das Musas, 2004.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. *Diretrizes em Redução de riscos de desastres: região serrana do Rio de Janeiro*. Florianópolis: CEPED UFSC, 2011.

ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUSA, Soledad Yaconi Urrutia. *Comunicação em desastres: a atuação da imprensa e o papel da assessoria governamental*. Florianópolis: UFSC/CEPED, 2010.



Memória e medo no discurso midiático sobre o clima¹

Bruno Thebaldi²
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Em tempos midiaticizados, os meios de comunicação acabam por gozar de uma grande influência na formação daquilo que podemos chamar de “memória coletiva”, isto é, uma memória partilhada, em comum, entre determinados indivíduos. Este artigo busca explorar a construção desta memória, via mídia, especialmente em casos que suscitem a reação de medo nos sujeitos, explorando, para isso, uma vertente específica: o medo em relação aos fenômenos naturais, atribuídos, em grande parte, às mudanças climáticas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; clima; memória; medo.

Introdução

Neste artigo, interessa-nos desenvolver a relação contemporânea entre mídia, memória e medo. *Mídia*, *memória* e *medo* não são palavras escolhidas aleatoriamente. Longe disso, trata-se muito mais de uma tríade na qual cada termo está diretamente conexo um ao outro, dentro do discurso dos meios de comunicação.

Por alcançar a quase totalidade da população que vive nas sociedades consideradas modernas (ou seja, urbanas, industriais, capitalistas, cujo estilo de vida segue a linha ocidental), os meios de comunicação logram atuar como um agente privilegiado na formação do imaginário coletivo, “padronizando” (ou tentando) nosso comportamento e maneira de agir. Particularmente, interessa-nos perceber a construção dos imaginários de medo, pela mídia.

¹ Trabalho apresentado no GT Jornalismo, Meio Ambiente e Cidades Sustentáveis do IX Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e Bacharel em Estudos de Mídia (UFF). E-mail: bthebaldi@id.uff.br



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Independentemente do período histórico, é bem verdade que os indivíduos sempre foram acometidos pela sensação de medo, desde os primeiros momentos de vida, até a chegada da morte. O que muda, no entanto, é o tipo de medo que pode vir a abater o sujeito. São inúmeros os fatores que explicariam esta variação, como sociais, econômicos, culturais, históricos, ideológicos etc. O medo não deve ser tido meramente como uma sensação negativa, mas também como um mecanismo de defesa do instinto de sobrevivência dos indivíduos. Ele é um indicador de perigo, um sinal que faz com que nos mantenhamos em alerta contra as ameaças que nos cercam, ou que acreditamos nos cercarem. Portanto, o medo pode ser visto tanto como um sentimento, uma sensação de receio e temor, ou mesmo como um mecanismo essencial para a sobrevivência dos sujeitos.

Baseado nesta breve e sucinta descrição, trabalharemos com uma vertente específica nas próximas páginas. Destacaremos a cobertura que os veículos de comunicação atribuem às “alterações climáticas”, imputadas, em larga escala, aos efeitos do “aquecimento global”. Para isso, tentaremos entender a construção da memória social, via mídia, a respeito do clima.³

Ressaltamos que não nos cabe negar ou não aqui a ocorrência e/ou a intensificação de fenômenos climáticos. Em vez disso, atentamo-nos para a maneira com a qual os meios de comunicação vêm atuando na difusão de tais eventos, através de seus noticiários. Tal cobertura, diga-se de passagem, vem sendo disseminada praticamente a partir da visão

³ Este artigo, na verdade, é produto de um dos nossos capítulos de dissertação de mestrado, a qual vem sendo desenvolvida neste exato instante. Em nossa dissertação, queremos encontrar similitudes a respeito do discurso do aquecimento global na chamada grande mídia (para selecionarmos a amostragem, entendemos por “grande mídia” os veículos que atingem larga cobertura, audiência e/ou vendagem). Outro de nossos critérios foi pesquisar em periódicos – jornais e revistas, impressos ou digitais - considerados pelo senso comum como *não sensacionalistas*. Uma vez, porém, que nosso objetivo é cotejar as difusões de episódios desencadeadores de medo no *âmbito do ocidente*, elegemos investigar fontes oriundas de seis países: Brasil, Argentina, EUA, Portugal, Inglaterra e Itália. Trabalhamos com quatro vertentes de medo, que acreditamos suscitar os principais quadros de temor no contemporâneo: segurança, aparência/corpo, “não-existência” (o processo de espetacularização de si) e clima.

Ao contrário da dissertação, aqui nos interessa abordar não apenas os materiais provenientes da chamada “grande mídia”. Ademais, priorizamos também, neste artigo, trabalhar com fontes nacionais. A exceção foi a inclusão de uma fonte de um jornal português. Esta decisão foi proposital. Ao misturarmos as fontes da grande mídia (nacional e portuguesa) com as dos veículos de informação nacional de alcance mais modesto conseguimos perceber que o discurso dos jornais mais locais é muito semelhante com os de grande circulação (ao menos no que concerne ao discurso do clima), o que confirma a existência de uma padronização dos enfoques, dos acontecimentos e dos fatos jornalísticos pela imprensa (enquadramento).



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

única de que tudo o que vem ocorrendo em relação ao clima nos últimos anos está diretamente relacionado ao aquecimento global. Quando não, pelo menos que o “caos climático”, com a formação de eventos extremos, só tende a aumentar.

Por exemplo, em matéria publicada no ano de 2009 na versão digital do jornal *Folha de São Paulo*, o título da notícia já reconhecia até um aterrorizante quadro de “caos climático”⁴, seguido por uma *lide* nem um pouco animadora:

A nevasca sem paralelo nos últimos 18 anos que mergulhou o Reino Unido no caos na última semana tem a mesma origem das chuvas que causaram a tragédia em Santa Catarina e da onda de calor que sufoca os australianos. E, embora não seja possível pôr a culpa no aquecimento global, instabilidades desse tipo tendem a ficar mais frequentes no futuro.

Prestemos atenção ao que o jornalista escreveu logo na primeira linha da notícia (“A nevasca sem paralelo *nos últimos 18 anos*”): ao recorrer a um dado histórico - dado este que dificilmente algum indivíduo qualquer poderia rememorar ao ser indagado pelas ruas do Reino Unido -, o periodista emprega um artifício que visa a corroborar o título de sua matéria (o “caos climático”), embasando-o a partir da demonstração da intensificação de uma condição climática, vendo-a como excepcional para os padrões registrados na região nos últimos anos. Ademais, o mesmo jornalista trabalhou para tecer, ou talvez seja mais coerente utilizar a expressão “reforçar”, o imaginário social de medo arrogado ao clima, ou melhor, aos seus câmbios, esquivando-se, no entanto, de atribuí-lo de modo direto ao aquecimento global. Uma interpretação mais cética, no entanto, poderia argumentar que uma vez tendo havido uma onda de frio mais intensa no território britânico há 19 anos, tal fato poderia sugerir que dita onda, na verdade, seja apenas um evento cíclico, ou seja, passível de repetições.

Contudo, além do embasamento histórico-científico, a matéria buscou, outrossim, o testemunho daqueles que estavam atravessando a experiência de um inverno “caótico” na ocasião, na Europa.

⁴ “Caos climático tende a piorar no futuro”

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u500747.shtml>



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

“O frio foi excepcional. Temperaturas negativas por vários dias seguidos são incomuns em Paris”, disse o músico brasileiro Guilherme Carvalho, que mora há oito anos na capital francesa. “No canal de La Villette, vi uma placa: ‘Perigo - não ande no gelo’, coisa que nunca tinha visto antes”.

Especulações à parte, novamente poderíamos indagar se oito anos morando em um país que não o seu de origem seria tempo suficiente para alguém se espantar com uma onda de frio aparentemente mais intensa do que as anteriores, especialmente vindo de alguém nascido em um país tropical. Todavia, fugiremos deste tipo de contra-argumentação para nos centrar numa análise mais restrita sobre aquilo que é apresentado pela imprensa/mídia a respeito do clima.

Grosso modo, este trabalho articula similitudes entre a construção da *memória individual* e da *memória coletiva*, conforme proposto pelo historiador francês Maurice Halbwachs (1990) entendendo que a constituição da memória é atravessada por uma série de disputas e jogos de poder, bem como afirma o pesquisador Michael Pollak (1989). Dialogamos ainda com o pensamento da pesquisadora argentina Beatriz Sarlo (2007), para quem, com o intuito de dar mais ênfase e veracidade às coberturas jornalísticas, a mídia procura pelo relato de testemunhos de sujeitos que viveram a experiência relatada.

Memória coletiva x memória individual

O historiador francês Maurice Halbwachs (1990) chama a atenção para a existência de um conflito entre dois tipos de memória com os quais trabalha: a *coletiva* e a *individual*. Contudo, de modo um tanto quanto otimista, quicá romântico, o autor entende que a memória coletiva seja um instrumento mais de coesão do que de dominação dos indivíduos. Para Halbwachs, a nação e sua “memória nacional” seria a maior manifestação da memória de cunho coletivo, evidenciando entre indivíduos de um mesmo território sentimentos de pertencimento e de reconhecimento, através do estabelecimento de quadros de referência e coesões internas e da definição de fronteiras socioculturais. Entrementes, o próprio



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

pesquisador reconhece que a memória coletiva vive em constante conflito com a individual, ou seja, a memória pautada pelo olhar do indivíduo. Para Michael Pollak (1989), porém, a “memória oficial” não é mais afetiva do que imposta, sobretudo pelo Estado. Pois, de acordo com o autor, além da memória “dominante” haveria a “subterrânea”, a qual acentua o caráter “destruidor”, “uniformizador” e “opressor” da coletiva. Neste sentido, segundo Pollak, a memória é um intrincado campo de disputas em uma batalha pela significação e (re)interpretação do passado; logo, por poder.

Temos em mente que é a partir deste ponto de tensão que a mídia encontrou a brecha com que vem atuando na difusão de suas coberturas - no que tange a este artigo, especialmente as relacionadas às mudanças no clima e ao respectivo estabelecimento de um quadro generalizado de “pânico”. Pois, os meios de comunicação agem de modo a sistematizarem tanto o que, em um primeiro momento, podemos chamar de senso comum, quanto, em um segundo momento, a memória coletiva. Desta forma, suas difusões são atravessadas, também, por interesses e disputas de poder.

Primeiramente, antes de prosseguirmos com a discussão, é preciso fazer uma distinção entre *efeito estufa* e *aquecimento global*. Ao contrário do que muitos creem, aquele se trata de um fenômeno natural e essencial para a manutenção da vida da Terra. Ele age como uma espécie de cobertor, impedindo com que uma parcela do calor que o planeta libera seja literalmente perdida no espaço, evitando, assim, enormes variações na temperatura terrestre no curto intervalo de tempo compreendido entre o dia e a noite. Já a este, atribui-se à elevação da temperatura média do planeta, por razões pelas quais os cientistas ainda não chegaram a um consenso. Dependendo da corrente (acética ou cética), as hipóteses variam desde a inconstância das erupções solares, passando pelo ciclo natural da Terra, até a ação do homem, com a liberação de gases que retêm parte do calor na atmosfera, como o CO₂.

Feita esta ressalva, temos como evidente que a corrente predominante no senso comum é a de que os câmbios no clima são de fato provocados pela atividade humana. A propósito, é esta a corrente que a mídia parece ter abraçado para desenvolver e embasar seu discurso sobre o tema. De tal forma, notícias catastróficas proliferam diariamente nos



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

periódicos de todo o mundo, uma apresentando um prognóstico mais apocalíptico do que a outra. Tomemos como ilustração uma matéria publicada no portal de notícias do IG: “Aquecimento global deve 'superar níveis seguros', diz estudo”⁵. Tais “níveis seguros”, ainda de acordo com a reportagem, seria uma margem de 2°C, elucidando que caso este “índice de tranquilidade” seja extrapolado as “consequências podem ser catastróficas”. Entretanto, para romper definitivamente com os últimos sopros de esperança dos leitores mais temerosos, a notícia afirma logo em seguida que “Mesmo cumprindo metas de corte de emissões, planeta vai aquecer 3,5°C até o fim do século”. Mas, segundo o jornal português *Diário de Notícias*, a coisa pode piorar ainda mais, já que “Se a humanidade acabasse hoje com as emissões de dióxido de carbono, só dentro de mil anos é que o clima do nosso planeta voltaria ao normal”⁶. Isto é, de acordo com as notícias expostas, nada mais pode ser feito para conter a escalada das temperaturas globais, a não ser, quem sabe, apelar para uma bênção ou graça divinas.

Com este panorama de iminentes desgraças prontas a se abaterem em qualquer parte do planeta a qualquer momento (só não se pode prever exatamente *o quê* vai acontecer *onde* e *quando*), o esforço da mídia no intuito de atribuir veracidade à sua cobertura parece ser expor, sempre que possível, dados históricos, como índices de tempos passados que asseverem o encaminhamento do mundo rumo a um cenário calamitoso, intentando tanto resgatar a memória dos indivíduos que viveram na época aludida (com o consecutivo desdobramento de um esforço pessoal para reacender as lembranças da época referida), como construir a atual memória coletiva sobre o assunto (pois a mídia, hoje, graças as suas difusões e ao seu alcance social, pode ser considerada um privilegiado agente de construção da memória coletiva).

Deste modo, conforme um trecho de uma matéria publicada em um periódico da região norte,

⁵ “Aquecimento global deve 'superar níveis seguros'”, diz estudo
<http://ultimosegundo.ig.com.br/cop/aquecimento-global-deve-superar-niveis-seguros-diz-estudo/n1597398757377.html>

⁶ “Aquecimento global é ‘irreversível’” http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1148105



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

Treze dos anos mais quentes já registrados ocorreram nos últimos 15 anos, e em 2011 encerra aquela que já é considerada a década mais quente da história, uma prova de que o aquecimento global é uma realidade, informou na terça-feira a Organização Meteorológica Mundial (OMM)⁷

A reportagem ainda completou dizendo que “O período compreendido entre 2002 e 2011 equivale a 2001-2010 como a década mais quente desde 1850”. E mais: assegura que “As concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera alcançaram novas altas e se aproximam muito rapidamente de níveis consistentes com uma elevação de 2° a 2,4°C na média global de temperaturas”. Isto é, acima da tal “margem de segurança”.

Logo, neste horizonte de “consequências catastróficas”, os desastres naturais não demoram muito não só principiam a aparecer como tão logo são arrogados ao aquecimento global.

O glaciar Jorge Montt, localizado no Campo do Gelo Sul da Patagônia chilena, retrocedeu 1 km em um ano devido ao aquecimento global e às condições oceanográficas, afirmou nesta quarta-feira uma investigação realizada pelo Centro de Estudos Científicos (CECs) do Chile.⁸

Assim, de acordo com a cobertura da mídia – geralmente sempre atribuídas a “um estudo” -, as tragédias só tendem a se intensificar. Enchentes, furacões, ciclones, tornados, elevação dos oceanos, derretimento das calotas polares, escassez de água, desertificação, assoreamento, deslizamentos, maremotos e ressacas, salinização das águas, intensificação da incidência de raios e das chuvas ácidas, alteração nas correntes marinhas... Tal é o horizonte difundido pelos meios de comunicação a respeito das implicações do aquecimento global, fortalecendo um crescente quadro de medo e pânico ecológico, quase que generalizado entre os indivíduos contemporâneos. Mais que isso: tal painel midiático de desordem no clima, que a esta altura já se pode afirmar que se constitui como lugar-

⁷ “Ano de 2011 encerra década mais quente da história, diz ONU”

<http://www.d24am.com/amazonia/meio-ambiente/ano-de-2011-encerra-decada-mais-quente-da-historia-diz-onu/43201>

⁸ “Glaciar da Patagônia retrocede 1 km por aquecimento global”

<http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI5508698-EI19408,00-Glacier+da+Patagonia+retrocede+km+por+aquecimento+global.html>



IX POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

comum, acaba sendo incorporado à montagem de uma futura memória coletiva destes mesmos indivíduos, que, provavelmente, será repassada às gerações seguintes.

Sem embargo, além de recorrer a dados e índices numéricos - que refletem tanto na memória individual como na coletiva -, a mídia emprega outra estratégia, para muitos ainda mais impactante do que a apresentação de números: o relato de testemunhas.

O relato da experiência e o sentido de veracidade

Um relato é a descrição de experiências vivenciadas, experimentadas ou mesmo apenas transferidas pelo indivíduo. Relata-se aquilo de que se tem conhecimento, aquilo de que se sabe, aquilo que se tenha presenciado ou vivido. Em outras palavras, relato é a narração da memória individual de sujeitos, podendo tanto corroborar quanto rechaçar a versão da memória coletiva.

Para a pesquisadora argentina Beatriz Sarlo (2007), nossa época vive uma espécie de “fetichização” dos depoimentos, pois o que estaria havendo hoje é “a transformação do testemunho em um ícone de Verdade ou no recurso mais importante para a reconstituição do passado” (SARLO, 2007, p.19). Sendo assim, o discurso em primeira pessoa passa a ser cada vez mais valorado, considerado como um indicativo de veracidade. Deste modo, se por um lado a apresentação de elementos históricos e sua frieza numérica outorgam certo crédito científico às exposições da mídia, por outro é a utilização da narração de testemunhas, isto é, de indivíduos que atravessaram alguma experiência tida como de interesse público ou fato jornalístico, que acende o fator “humanizante” das reportagens. Em outros termos, aquilo com o maior potencial de gerar algum grau de resposta da sociedade, como manifestações de solidariedade.

Particularmente no que concerne aos eventos climáticos, a mídia parece ter constituído um casamento perfeito entre a junção “dado” e “relato”, uma estratégia que tem sido, aliás, intensamente empregada pelos meios de comunicação em geral, podendo ser facilmente encontrada em simples e rápidas buscas por material jornalístico a respeito dos eventos mais distintos. Do derretimento das calotas polares, passando pelo furacão Katrina,



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

à seca na Amazônia: em praticamente todas as reportagens podemos nos deparar com a exposição de índices histórico-científicos acompanhados de relatos daqueles que presenciaram e/ou ainda estão presenciando o fato.

É o caso, por exemplo, da enchente que devastou quinze cidades da região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011, dentre elas Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, deixando impressionantes números como 905 mortes, 8764 desabrigados e 20790 desalojados⁹. Com cifras tão chocantes, a enchurrada foi classificada pelo Centro de Pesquisas de Epidemiologia dos Desastres (CRED) como “a 6ª mais fatal dos últimos 12 meses no mundo”¹⁰, ou, segundo a revista *SuperInteressante*, também com fonte do CRED, a quarta dentre “as 5 maiores enchentes e deslizamentos de terra do mundo ocorridos nos últimos 12 meses”¹¹. A revista lembrou ainda que

A tragédia do Rio de Janeiro que ocorreu no ano passado [2010, em Angra dos Reis] (aquela que matou 256 pessoas) ocupa a sexta posição nesse desastroso ranking. Para se ter uma ideia da gravidade do incidente fluminense: bastou uma semana para o número de vidas perdidas chegar a metade do que foi perdido entre 2000 e 2010 em acontecimentos do mesmo tipo. Nesse período, 1427 pessoas morreram por conta de enchentes e deslizamentos no país.

Tanto vítimas quanto testemunhas de um fenômeno climático de proporções devastadoras, os moradores das regiões afetadas imediatamente foram “caçados” pela imprensa em uma quase que desesperada busca pela coleta de depoimentos, e, mais precisamente, pela riqueza de detalhes que nenhum jornalista ou profissional da mídia de outras partes do país que tivesse chegado à região após o evento lograria descrever sobre os momentos de passagem da tormenta. Isto porque segundo Sarlo,

⁹ Chuvas causam estragos e provocam mortes na região serrana do Rio; leia relatos
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/860188-chuvas-causam-estragos-e-provocam-mortes-na-regiao-serrana-do-rio-leia-relatos.shtml>

¹⁰ “Enchente no Rio já é a 6ª mais fatal dos últimos 12 meses no mundo”
<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,enchente-no-rio-ja-e-a-6-mais-fatal-dos-ultimos-12-meses-no-mundo,665633,0.htm>

¹¹ “As 5 maiores enchentes e deslizamentos de terra do mundo ocorridos nos últimos 12 meses”
<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/as-5-maiores-enchentes-e-deslizamentos-de-terra-do-mundo-ocorridos-nos-ultimos-12-meses/>



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

o detalhe reforça o tom de verdade íntima do relato: o narrador que lembra de modo exaustivo seria incapaz de passar por alto o importante, nem forçá-lo, pois o que narra formou um desvão pessoal de sua vida, e são fatos que ele viu com os próprios olhos. Num testemunho, jamais os detalhes devem parecer falsos, porque o efeito de verdade depende deles, inclusive de sua acumulação e repetição. (2007, p. 52. Grifos do autor)

Novamente, os testemunhos dos que sofreram a força da tragédia conseguiram impactar ainda mais do que a mera exposição dos números. Transcrevemos a seguir alguns destes relatos – todos de vítimas da enchente da Região Serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011 -, que transparecem o desespero diante da impotência pelas dimensões da tragédia, o horror com o cenário de destruição e a tristeza ao relembrar dos pormenores: “Ouvimos um estrondo e saímos de casa. Muita gente correu para a praça, quando veio a avalanche e matou a todos”; “Quando dava um relâmpago, via os corpos passando rio abaixo”; “Ficamos no telhado até a chuva passar. Passava tudo: carro, bichos, corpos. Rezamos para que o telhado não caísse, porque senão todos iríamos morrer”; “Moro aqui há 25 anos. Nunca tinha visto algo assim. Moro em um local mais alto, mas quando olho para baixo só vejo um mar de lama. A maioria das pessoas se salvou subindo em árvore ou correndo para lugares mais altos”. “Acordei com o telefonema de uma amiga pedindo socorro. Até chegar à casa dela, no bairro Posse, vi um cenário de destruição e horror. Parecia um tsunami. Entrei em casas, recolhi alguns corpos e deixei na calçada com identificação para facilitar o trabalho das equipes de resgate”.¹²

Como podemos constatar, para a mídia a utilização do depoimento de testemunhas tem grande peso e importância em seu discurso, sendo tão essencial em suas matérias e reportagens quanto a apresentação dos índices histórico-científicos. Aliás, esses mesmos dados são muito bem-vindos quando elencados em uma espécie de *ranking* das maiores anormalidades climáticas de uma época determinada, semelhante ao que ocorre com filmes, livros, CDs etc. Entretanto, em vez de serem medidas pela bilheteria ou venda, as

¹² Chuvas causam estragos e provocam mortes na região serrana do Rio; leia relatos
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/860188-chuvas-causam-estragos-e-provocam-mortes-na-regiao-serrana-do-rio-leia-relatos.shtml>



posições desta listagem são avaliadas com base nos prejuízos causados, no número de vítimas ou na intensidade da tormenta e seu poder de destruição. Entrementes, tal qual averiguamos, é o relato da experiência dos indivíduos que melhor vai corroborar com aquilo que os profissionais de mídia estão divulgando, pois dão um “toque” humanizante a um discurso teoricamente impessoal, juntamente com a difusão de imagens registradas em fotos ou vídeos, especialmente se forem das próprias testemunhas, uma vez que a estas, quiçá justamente por serem anônimas, são atribuídas ainda mais sentido de veracidade.

Conclusão

Analizamos até aqui a importância atribuída pela mídia à exposição de informações históricas e relatos. Não obstante, destacamos que não devemos nos olvidar do caráter tendencioso que há por trás de tais exposições, já que estas se constituem como uma das bases para a formação da memória coletiva.

Para além do campo da história, ao menos no que concerne à formação do senso comum, enxergamos que a mídia igualmente desempenha papel semelhante de “guardiã” do passado. No caso do clima, o discurso midiático é visivelmente atravessado pela versão de que as alterações climáticas seriam efeito direto do aquecimento global, mesmo que os cientistas ainda diverjam sobre o assunto. O que significa abraçar esta versão? Primeiramente, tal é a versão que mais interessa aos países desenvolvidos, isto é, aqueles que na corrida industrial detêm décadas de vantagem sobre os países em desenvolvimento e não desenvolvidos¹³, e historicamente são os que mais contribuíram na liberação dos gases que retêm calor na atmosfera.

Neste caso, se tal versão for plenamente aceita, isso implicaria a tomada de uma série de medidas (algumas das quais já amplamente discutidas entre os inúmeros – e ineficientes? - foros ecológicos globais) que visam a muito além da elaboração de políticas

¹³ Achamos válido empregar também o termo “não desenvolvido”, pois a expressão “em desenvolvimento” dá a entender que todos os países marcham rumo ao grau de “país desenvolvido”, o que definitivamente e infelizmente não é verdade.



IX POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
07, 08 e 09 de novembro de 2012

de redução da liberação destes “temidos” gases, mas, quiçá, frear o crescimento das economias emergentes, como China, Índia, Rússia e mesmo o Brasil (apesar de que, no caso brasileiro, o principal responsável pela liberação destes poluentes não são derivados das atividades industriais, e sim das queimadas). Logo, reproduz-se o racha entre as economias desenvolvidas (defensoras de uma porcentagem de redução na liberação dos gases para todos os países, independente do grau de desenvolvimento) e os em desenvolvimento ou não desenvolvidos (que defendem que as metas devem ser diferenciadas entre os países, conforme o grau de desenvolvimento).

O fato é que a mídia parece tombar para a versão dos países mais ricos, bramindo incessantemente que “alguma coisa precisa ser feita imediatamente”, notadamente a cada vez que um evento climático calamitoso golpeia uma região. Pois, a cada nova tragédia, resgatam-se as anteriores, lembradas em pequenas matérias ou mesmo em breves passagens dentro da matéria principal. Está criado o quadro de “pânico climático” generalizado, alicerçado no tripé composto por três *emes*: mídia, memória e medo.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. “Memória coletiva e memória individual”. IN: A memória coletiva. SP, Vértice, 1990, PP. 25-52.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. IN: Projeto História. Revista do Programa de Pós-graduados em História e do Departamento de História. São Paulo, PUC/SP, 10, nov/93, pp. 7-28.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura de memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.